



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCISCA PEREIRA DA SILVA

O IMAGINÁRIO NAS NARRATIVAS ORAIS DA MENINA DA SERRA

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2014**

FRANCISCA PEREIRA DA SILVA

O IMAGINÁRIO NAS NARRATIVAS ORAIS DA MENINA DA SERRA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo),
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual da
Paraíba, como um dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Irineu de França
Neto.

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Francisca Pereira da
O imaginário nas narrativas orais da menina da serra
[manuscrito] : / Francisca Pereira da Silva. - 2014.
76 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto,
Departamento de Letras e Humanidades".

Narrativas. Tradição Oral. Memória. Imaginário coletivo.
Símbolos. Religiosidade popular. I. Título.

21. ed. CDD 410

FRANCISCA PEREIRA DA SILVA

O IMAGINÁRIO NAS NARRATIVAS ORAIS DA MENINA DA SERRA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo),
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual da
Paraíba, como um dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Letras.

Aprovada em: 28 / 11 / 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Irineu de França Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Francinete Fernandes de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. M.Sc. Francisco Vieira da Silva
SEE/PB

Dedico esse trabalho à memória de Edinete “A Menina da Serra” por ter se tornado minha fonte de inspiração nessa longa jornada de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus meu socorro na hora da angústia, pois sem ele não somos ninguém. Aos entrevistados que gentilmente abriram as portas de suas casas.

Ao meu professor orientador João Irineu por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das orientações, que me ajudou a concluir este trabalho um exemplo de educador a ser seguido. Sem esquecer meu querido professor Francisco Vieira que me incentivou a fazer o curso de Letras, pois viu minha capacidade. Agradeço também a professora Francinete por participar da minha banca examinadora.

A minha família e amigos que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Dedico também as minhas companheiras de curso Genilma, Janaíres, Dayanne, Tarcia e Priscila que no decorrer destes três anos e meio de curso tornaram-se minha segunda família, por fim agradeço a todos do fundo do meu coração obrigada.

“Mas é pela imagem (imago) que a alma humana representa com maior exatidão ainda as virtudes da santidade”

DURAND

O IMAGINÁRIO NAS NARRATIVAS ORAIS DA MENINA DA SERRA

Francisca Pereira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso descreve as ações da pesquisa de campo acerca das narrativas orais sobre a menina da serra, considerada santa no imaginário coletivo da religiosidade popular do sertão da Paraíba. A pesquisa foi de caráter etnográfico, tendo como *locus* o município de Riacho dos Cavalos-PB. Foram analisados os diversos aspectos simbólicos dos arquétipos encontrados nas narrativas orais sobre a menina da serra considerando as linguagens presentes nas devoções populares dos moradores entrevistados, na tecitura de seu imaginário coletivo. O estudo procurou entender o universo simbólico que constitui o arquétipo de santidade da menina da serra, segundo o contexto cultural, social e religioso dessa comunidade. As narrativas da religiosidade popular resistem ao tempo através da oralidade e da memória coletiva do povo que cria e transmite esses textos ao longo de gerações.

Palavras-chave: Narrativas. Tradição Oral. Memória. Imaginário coletivo. Símbolos. Religiosidade popular.

ABSTRACT

This completion of course work describes the actions of field research about oral narratives girl considered holy mountain, in the collective imagination of popular religiosity of the hinterland of Paraíba. The locus of the research was a municipality in the backlands of Paraíba, a small town of Horse Creek, the various symbolic aspects of the archetypes found in the oral narratives about the girl saw being analyzed considering the languages present in popular devotions of the residents interviewed in weaving his collective imagination. The study seeks to understand the symbolic universe is the archetype of holiness the girl saw, according to the cultural, social and religious context of this community. The narratives of popular religiosity that resist time through oral traditions and collective memory of the people that creates and transmits these texts over generations.

Keywords: Narratives. Oral tradition. Memory. Collective imagination. Symbols. Popular religiosity.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
Email: fran-yuuki2@hotmail.com

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1. O imaginário popular sobre a menina da serra.....	11
2.2 Memória coletiva e narrativa orais da religiosidade popular.....	13
2.3 Narrativas orais sobre a Menina da Serra.....	15
3. MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO.....	17
3.1 O Local Sagrado.....	19
3.2 O Simbolismo do Centro.....	20
3.3 Símbolo da cruz.....	21
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	23
4.1 O simbolismo da morte nas narrativas orais da menina da serra.....	23
4.2 O arquétipo de santidade nas narrativas orais da menina da serra.....	24
4.3 Signos icônicos.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES.....	31
ANEXOS.....	74

1. INTRODUÇÃO

No imaginário coletivo popular do município de Riacho dos Cavalos-PB, ocorre um fenômeno cultural religioso popular, a transformação de uma criança em imagem arquetípica de “santa”, a qual atrai devotos que peregrinam de cidades vizinhas e, principalmente, do próprio município, até monumentos que foram construídos em homenagem à chamada Menina da Serra. Foi erguida uma capela, um cruzeiro e uma casa dos milagres em homenagem à menina considerada santa nesse contexto da religiosidade popular. A fé do povo sertanejo dessa cidade sustenta e dá credibilidade a esse fenômeno religioso, por meio de narrativas sobre a referida menina, divulgada na voz dos moradores e peregrinos fiéis, que pagam promessas e deixam esmolas em oferenda, como símbolo de fé e demonstração de gratidão à menina considerada uma santa no imaginário popular.

De acordo com as narrativas contadas pelos moradores de Riacho dos cavalos, o triste acontecimento da morte da menina Edinete, mais conhecida popularmente por Menina da Serra, ocorreu no dia 27 de novembro de 1976, no referido município, num sítio chamado Serrinha. Conforme contam os entrevistados, uma criança de quatro anos idade, entretida com animais, entrou no mato e perdeu-se. Após três dias de buscas constantes, se calculavam mais ou menos oitenta pessoas à procura da criança. Na manhã do dia 30 de novembro, encontraram Edinete morta numa serra denominada de Serra dos Bois. No local de sua morte, construíram uma capelinha em sua homenagem, eternizando a menina Edinete como símbolo de fé e devoção, constituindo, assim, uma tradição oral da cultura religiosa popular deste município.

A edificação de monumentos pela comunidade e as demonstrações de afeto, fé e devoção como romarias e promessas, se tornaram com o passar dos anos em verdadeiras manifestações do sagrado. As romarias atraem fiéis que visitam o templo, fortalecendo o vínculo religioso e mantendo viva na memória coletiva a imagem de santidade dessa criança como expressão do imaginário da religiosidade popular, que se manifesta através de arquétipos e imagens simbólicas.

Este trabalho descreve os registros etnográficos acerca da memória coletiva da menina da serra. Objetivamos, assim, proporcionar uma reflexão sobre essa manifestação da religiosidade local, levando em consideração as memórias da oralidade e o universo simbólico, através do qual se constitui o imaginário coletivo, que está internamente ligado a rituais sagrados proporcionando uma investigação acerca das narrativas orais sobre da menina da serra. Foi nesta perspectiva que o trabalho se fundamentou na Antropologia do Imaginário

de Gilbert Durand (2002), nas manifestações do sagrado de Mircea Eliade (1992), como também nos estudos sobre memória coletiva de Maurice Halwachs (1990), no texto de tradição oral de Calvet (2011) entre outros. A partir destas correntes teóricas, concebemos que as narrativas possuem uma infinidade de símbolos e arquétipos de diversos sentidos que constituem variados contextos culturais, sociais e religiosos.

A motivação para a construção deste trabalho se deu a partir do nosso ingresso no Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares – GLICPOP, coordenado pelo Prof. Dr. João Irineu de França Neto. Neste sentido, realizamos o levantamento de dados da pesquisa etnográfica na cidade de Riacho dos Cavalos-PB, sobre as narrativas orais da menina da serra que posteriormente foi introduzida no projeto do PIBIC, intitulado “Memórias das meninas do sertão paraibano: um estudo linguístico-antropológico das narrativas orais da religiosidade popular”, do qual participamos como bolsista.

A presente problemática gira em torno das seguintes questões: quais são os símbolos e arquétipos do imaginário popular presentes nas narrativas orais da Menina da Serra? Que imagens simbolizam o sentido da santidade na tradição oral do fenômeno religioso popular da Menina da Serra? Em quais expressões linguísticas se materializa esse imaginário da santidade?

Frente a estas inquietações o trabalho apresenta os seguintes objetivos: mapear expressões linguísticas que revelam o imaginário popular sobre o arquétipo de santidade acerca da Menina da Serra; analisar os sentidos dos símbolos que envolvem as narrativas orais da Menina da Serra; constituir os fios da memória coletiva sobre a Menina da Serra nas marcações das narrativas orais.

No que diz respeito à metodologia optamos por uma pesquisa de caráter etnográfico e qualitativo, constituindo-se das mais diversas narrativas orais presentes no imaginário coletivo sobre o fenômeno religioso popular das narrativas orais da Menina da Serra. Os procedimentos metodológicos utilizados na coleta de dados foram: pesquisa de campo, levantamentos de entrevistas armazenadas em forma audiovisuais, nas quais foram gravados os depoimentos dos moradores que residem tanto na zona urbana como na rural do município de Riacho dos Cavalos-PB, posteriormente, transcritos em forma de textos, preservando-se as marcas da oralidade dos entrevistados. Neste sentido, os dados da pesquisa foram transcritos conforme as normas estabelecidas na tese do Professor Dr. João Irineu de França Neto (2013), que aborda as Vozes e performances de rezadeiras e rezadores da Paraíba: uma abordagem linguístico-antropológica de tradições orais.

Além dos dados transcritos, foram utilizados instrumentos como fotografias e diário de campo, contendo anotações e informações de como se deu a entrevista e a abordagem dos entrevistados, assim como observações do pesquisador diante do fenômeno cultural investigado. É importante destacarmos que as entrevistas foram realizadas em contextos espontâneos de conversação, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Desse modo, as gravações registram expressões naturais em que a língua manifesta suas variações, observando como se dá a construção das narrativas orais da memória coletiva.

A pesquisa de campo iniciou-se no dia 26 de agosto de 2012 foi concluída no dia 19 de outubro de 2014. No que diz respeito à coleta de dados da pesquisa foram gravados (quarenta e três) vídeos na cidade de Riacho dos Cavalos, sendo que (vinte e sete) dos vídeos foram produzidos na zona urbana e (dezesseis) na zona rural, onde foram entrevistados (treze) informantes (seis homens e sete mulheres), organizados em ordem alfabética, sexo, idade e escolaridade conforme a tabela abaixo:

Tabela I - Lista de informantes (Riacho dos Cavalos)

Informante por ordem alfabética	Sexo	Idade	Escolaridade
Informante A	Feminino	67 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante B	Feminino	58 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante C	Feminino	32 anos	Ens. Médio completo
Informante D	Feminino	30 anos	Ens. Médio completo
Informante E	Masculino	38 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante F	Feminino	60 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante G	Masculino	67 anos	Analfabeto
Informante H	Masculino	58 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante I	Feminino	61 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante J	Masculino	49 anos	Ensino Médio Incompleto
Informante K	Feminino	75 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante L	Masculino	62 anos	Ens. Fundamental Incompleto
Informante M	Masculino	77 anos	Ens. Fundamental incompleto

Fonte: Dados da pesquisa de 2012-2014.

O acervo fotográfico é constituído por (vinte e cinco) fotografias produzidas em campo e (uma) fotografia da menina Edinete disponibilizada pelo informante L, logo após a gravação de sua entrevista.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O imaginário popular sobre a menina da serra

O ser humano procura constantemente dar significados ao mundo para isso abre mão de uma função da psique a imaginação, pois o imaginário é tudo que existe, ou seja, “é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (PITTA, 2005, p. 15). A construção do imaginário religioso acerca da imagem santificada de Edinete ocorre através das várias narrativas orais que em suas descrições contam as experiências religiosas e as graças alcançadas por seus féis. Nesse sentido, observemos o relato da informante (B) que obteve uma graça alcançada:

B.: Sim! eu paguei a promessa (+) fui pagar promessa não sei qual foi o ano mais não (+) to mais lembrada não (+) que paguei a promessa lá fui valida da promessa (+) um: menino de quatro ano meu tinha umbigo muito grande aí eu levei ele (+) ele subi-se ele tinha quatro ano ele (+) subiu cum pés dele e desceu e paguei a promessa que fiz (+) ele foi/ ficou bom do umbigo.

Na narrativa relatada acima pela informante (B), encontramos implicitamente o arquétipo da santidade de Edinete constituído pela expressão linguística (“que paguei a promessa lá fui valida da promessa”). Portanto, o fato da cura do umbigo do filho da informante (B) é suficiente para ela associar a cura da criança a um milagre realizado pela menina da serra fortalecendo assim sua crença em Edinete. Portanto, o homem religioso dar sentido a todo a sua volta atribuindo-lhe significados, tudo é significativo para a consciência humana, como bem enfatiza Durand (1988) na consciência humana tudo é representado.

Segundo Pitta (2005, p. 13):

O ser humano, assim constituído, atribui significados que vão bem além da funcionalidade dos atos ou objetos. Desse modo, aquilo que poderia parecer absolutamente natural (árvores, água, fogo...), é transformado pelas diversas culturas para adquirir significado [...] nada para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano do simbólico.

Simbolizar é parte da condição humana. Assim, um objeto aparentemente simples pode tornar-se um objeto simbólico com múltiplos sentidos “o símbolo remete para algo, mas não se reduz a uma única coisa” (DURAND, 1988, p. 56). Todas as narrativas orais da menina da serra se transformaram no imaginário popular em mitos. O mito, conforme as postulações de Pitta (2005, p.18), consistem num “sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e *schémes* que tende a se compor em relato”, portanto o mito se representa em forma de história e constitui-se de um conjunto de símbolos, que por sua vez, um conjunto de símbolos é formado por um agrupamento de imagens. Já as imagens primordiais, arquetípicas, são elementos de representação, a imagem ancestral, primeira imagem produzida pela mente, nos dizeres de Durand (1988) arquétipo é:

O arquétipo é, pois, uma forma dinâmica, uma estrutura organizadora das imagens, mas que transvaza sempre as concreções individuais, bibliográficas, regionais e sociais, da formação das imagens (DURAND, 1988, p.56).

Pitta (2005) salienta que o arquétipo constitui-se da seguinte forma:

Arquétipo: é a representação dos *schémes*. Imagem primeira de caráter coletivo e inato; é o estado preliminar, zona onde nasce a idéia (Jung). Ele constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. Exemplos: o *schéme* da subida vai ser representado pelos arquetípicos (imagens universais) do chefe, do alto, o *schéme* do aconchego, pela mãe, do colo, do alimento. (PITTA, 2005, p. 18).

O sintagma nominal “a menina”, usado para denominar Edinete, representa o arquétipo de santidade, refletindo a imagem de uma criança que tornou santa, símbolo de inocência, um ser sem pecado, Somos levados num domínio da memória na passagem bíblica em que Jesus durante seus sermões afirma que o reino dos céus pertence às crianças. É costume no nordeste dizer que quando uma criança morre, atribuímos a ela o nome de anjo, que recebe valores simbólicos e espirituais de santidade. Observemos esse fato na fala do informante (J) ao referi-se a Edinete como um anjo (“S.: [...] cantava na canção dizia assim “Deus aumentô a conta dos muito anjo qui tem” né? [...] e aumentô mermo pu que ela sofreu muito aquela menina sofreu muito”). A palavra anjo utilizada pelo informante (J) remete ao símbolo de ascensão, pois os anjos estão juntos a Deus que está nas alturas, revelando e atribuindo a Edinete um caráter angelical e sagrado.

2.2 Memória coletiva e narrativa orais da religiosidade popular

Halbwachs (1990) traz várias discussões acerca da temática da memória coletiva, a qual consiste em um processo dinâmico, onde o indivíduo faz parte de um ou mais grupos que compartilham lembranças em comum, levando em conta esse processo de compartilhamento, percebemos que as lembranças têm sua origem em um processo coletivo, no qual os sujeitos apóiam suas lembranças nas dos outros.

Segundo Halbwachs (1990, p. 25):

Nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiências fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Se a memória é coletiva e apoia-se nas lembranças dos outros ela, por exemplo, pode desempenhar uma tradição onde os indivíduos de um grupo preservam lembranças guardadas na memória que são passadas de uma geração para outra. Esse grupo pode desempenhar características afetivas, como identificamos nos devotos da menina da serra, que apresentam essas características, pois os membros dessa comunidade sustentam memórias afetivas consequentes da experiência vivenciada. O informante (G) que participou ativamente nas buscas pela menina demonstra afeto e comoção, descontentamento e arrependimento, conforme no trecho seguinte do *corpus*:

G.: GERADO VAMOS SUBI A SERRA? ele disse “não: essa menina não/ ((o entrevistado gesticula as mãos enquanto conta seu relato)) quando: foi no terceiro dia eu disse a ele, oí eu não disse você se noí vamo no primero/ segundo dia noí tinha achado a menina ((As pessoas que estavam na sala confirmam o que o entrevistado falou)) TINHA , tinha achado ela viva mais ele disse “não vamo subi não, vamos subi não já é: tardi” era doze hora do dia aí nós disistimo vinhemo simhora, tinha gente di mais já . Se tem subido a serra no horaro , qui nós , qui eu cheguei qui eu chamei ELE négoosso di oito hora nós tinha subido a serra cum acabaça d’água dum nado já tava preparado pu que achasse ela dava um pouco d’água/ ((nesse momento o senhor dono da casa fala simultaneamente enquanto o entrevistado fala)) se a menina vinhesse morrer de fome e serdi.

As memórias sustentadas pelo informante (G) e pelos outros membros da comunidade devota da menina apresentam características afetivas, deste modo a atividade configura-se num aspecto compartilhado. Tal aspecto se traduz numa condição do imaginário coletivo, caso haja um desligamento entre esses sujeitos conhecedores da morte da menina, se

conservaram tais informações afetivas na memória de cada devoto. Havendo uma interação entre esses sujeitos veneradores de Edinete se desenvolverá a reconstrução da memória coletiva.

Conforme Halbwachs (1990, p.34):

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

As narrativas orais religiosas de vertente popular são sustentadas por uma fé e devoção no sagrado que se manifestam em várias imagens milagrosas destes santos peregrinos, histórias de lugares sagrados, objetos sagrados, histórias narradas oralmente que contam milagres realizados por santos populares que não foram legalmente canonizados pelo Vaticano que fazem parte do imaginário popular propagam a fé do povo na palavra do Deus Cristão fortalecendo a devoção popular no sagrado, pois o homem quer viver a plenitude de sua fé, vivenciando sua devoção no sagrado, respeitando, aprofundando sua adoração.

Segundo Benjamin (1994, p.3) “a experiência que passa de pessoa a pessoa, é a fonte recorrerem todos os narradores”. Os narradores contam as histórias oralmente que são ouvidas pelos integrantes do grupo e repassadas também oralmente de geração em geração, tais narrativas tem como base a religião católica popular. Os indivíduos que participam desse grupo compartilham memórias em comum dessas narrativas de vertente religiosa popular. Com o tempo a tradição de narrar torna-se uma manifestação cultural que mantém o grupo unido compartilhando lembranças coletivas.

As narrativas orais da religiosidade popular são histórias que tem uma utilidade trazem ensinamento e conselhos, conforme Benjamin (1994, p.4) “essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática [...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos”. O narrador é uma espécie de sábio que transmite sua sabedoria isso acaba por moldar o comportamento daqueles que participam do grupo. Geralmente o narrador que conta as narrativas religiosas é um homem religioso, uma figura pública ou um peregrino que anda de lugar em lugar contando seus relatos, sua fala tem o poder de convencer ele possui a arte de narrar. Para Benjamin (1994, p.16) “[...] o grande narrador tem sempre suas raízes no povo”, portanto, Narrar se torna uma experiência individual e coletiva de transmissão de sabedoria.

2.3 Narrativas orais sobre a Menina da Serra

Quando falamos de tradição oral a primeira imagem ou lembrança que nos vem à mente é algo que nos foi transmitido por pessoas de mais idade ou experiência, como acontecimentos importantes, histórias contadas por nosso avô ou avó, pais, tios ou amigos. Tudo o que é passado e recontado de boca em boca e transmitido de uma geração para outra se torna uma tradição.

Um bom exemplo seriam as narrativas orais que se estendem de geração em geração “se transformando” conforme são transmitidas. As narrativas orais possuem como ponto central um foco que sempre se repete, sendo que narrar é “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.1). Isso é bem perceptível nas narrativas orais da menina da serra que variam de narrador para narrador. Observe esta variação no fluxo da voz das entrevistadas (B), (A), (D):

B.: A mãe de Edinete saiu pa casa duma vizinha aí dexou a menina ma/ dexou a menina ma a mai véia (+) disse ele qui tivesse cuidado nela qui ela já tinha se perdido uma vez(+)aí ela foi/ quando chegou em casa de seis hora qui percurô a menina num mai ((ouve-se uma voz ao fundo)) ela acumpanhou saiu acumpanhano um: jumentim (+) aí passaru um:/ até si qui hora da noite caçano ela e não encontraru ela.

A.: vou contar a histora que: ela morava perto de lá da minha casa (+) era piquininha ela saiu atrás da mãe , mãe dela saiu pa (+) / ia manda encomeda uma ropa pa custura, ela cumpanhou mãe dela (++) ia atrás dum jumento qui saiu na: istrada (+) um: ela hum: / perto da serra ia ela saiu desapareceu.

D.: qui no ano setenta seis (+) nu dia: vinte e nove di: novembo (+) a: menina (+) tava brincano mais ou menos uma três hora da tarde (+) aí: (+) se intreteu cum animai cum PASSARUS qui via aí saiu segui:ndo (+) aí ao, ao anoitecer ela perdida aí saiu no rumo da serra (+) aí (+) si perdeu aí subiu a serra e ficou lá.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012-2013.

Observamos que ocorreram formas variadas nas três narrativas acerca dos acontecimentos do dia em que a menina se perdeu na serra. Na voz da entrevistada (B), Edinete, a menina da serra, fica em casa com sua irmã, e a mãe antes de sair de casa advertiu a irmã de Edinete que tomar-se conta dela, pois a menina já havia se perdido antes; logo depois

disso a menina seguiu um jumentinho e se perdeu. Em (A) a mãe de Edinete saiu para encomendar roupa, Edinete a seguiu. Durante o trajeto a menina viu um jumento na estrada o acompanhou e desapareceu.

A entrevistada (D) narra que a menina estava entretida com animais e pássaros, os seguiu e se perdeu na serra. Há um conjunto de elementos centrais narrativos, que garantem a unidade da narrativa oral, sendo recorrente nas três vozes: a mãe que sai de casa, a menina se perde por que fica entretida com algum animal. Ao falar de tradição oral, Calvet (1942, p. 41) discute que narrativas “convergem para mesma fórmula final [...] permanência na diversidade que caracteriza muito bem os textos de tradição oral”. Tudo isso ocorre por que o narrador, enquanto sujeito social que transmite a memória dos fatos tem a liberdade de narrar o acontecimento do modo como ele entendeu, conforme nos aponta Benjamin (1994, p. 6), ao teorizar que o narrador “é livre para interpretar a história como ele quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”.

As narrativas orais fazem parte do grupo linguístico nos quais os indivíduos participam, sendo que as narrativas se fixam na memória desse grupo e são transmitidas com e sem variações. Conforme são transmitidas as narrativas se transformam ganhando ou perdendo elementos narrativos, todo esse fenômeno depende do narrador e de sua interpretação e memória. Como coloca Calvet (2011), que a garantia da história contada reside apenas na memória do narrador.

Levando em consideração a linha de pensamento de Calvet (1942, p. 52), quando o teórico vem tratar do narrador ou contador afirma que “todos os contadores insistem no fato de que transmitem o que, por sua vez, lhe foi transmitido”. Tal idéia pode ser constatada no fluxo da voz da informante (C):

C.: Bom nessa época eu nem era nascida ainda, eu conto o qui eu escuto os mai veio dizer meus pais contaro (+) histora da menina qui dia vin:te e seis de novembo de mil novicentos setenta seis (+) ela saiu brincano se distraiu-se com animais,olhano os animais e: foi entrô na mata e se perdeu-se (+) ai quando/ anoiticeu contaro pela falta dela si reunisse muitas pessoas mais ou menos umas oitenta pessoas e passaro três dias procurano , nos três dias encontaro ela morta num: num talhado cumo se diz lá na serra, ela caiu e morreu lá di fome se:di também sofreu muito três dia perdida uma criança piquena e:/ aí: fizero ate uma capelinha no local, quando ela foi encontada no corpo dela foi encontado e muitas pessoas hoje em dia vão/ sobi a serra tem abito de subi a serra pa homenagear ela pra lembrar a histora dela,vão lá na capelhina fazem promessa vão pagar promessa lá e: deve um violero o poeta Sebastião da Silva fez até um puema cuntano toda histora da menina da serra (+) muito interessanti essa histora nunca será esquecida (+) PRONTO é só isso qui seu contar.

Observemos como a narrativa sobre a menina Edinete faz parte da memória coletiva, uma vez que informante enfatizar que tudo o que ela sabe sobre o acontecimento lhe foi transmitido por sua família no convívio comunitário: (“Bom nessa época eu nem era nascida ainda eu conto o qui eu escuto os mai veio dizer meus pais contaro (+) histora da menina”). Note que (C) não testemunhou o acontecimento, mas na sua voz há marcas linguísticas da memória coletiva da narrativa oral da menina da serra passada de geração em geração. Outras informações que podemos observar a data do desaparecimento da menina e as expressões que apontam a passagem do tempo com: (“nessa época”), (“eu conto o que escuto escuto os mai veio dizer”), (“meus pais contaro”), também indicam a ancestralidade da narrativa oral expressa na voz de (C).

Segundo Calvet (1942, p. 115):

[...] não se distingue jamais em um texto de tradição oral o testemunho direto do testemunho reportado [...] mesmo que se encontre na tradição oral um núcleo de verdade, é difícil extrair esse núcleo dos mitos ou acréscimos que lhe foram agregados; não se sabe como separar o verdadeiro do falso.

Portanto, podemos frisar que nos textos de tradição oral as histórias narradas não se distinguem daquelas narrações em que o narrador presenciou ou não ocorrido, como é o caso da informante (C). Há pequenas divergências em relação a precisão de algumas informações, não podemos afirmar se a história é verdadeira ou falsa, pois o texto oral como o da Menina da Serra podem ser uma variante de outros textos. Com isso, a informante está livre para fazer a interpretação que lhe é mais favorável, podendo usar sua própria experiência e também relatar a experiência dos outros sujeitos de seu grupo linguístico que compartilham o imaginário coletivo das narrativas orais da menina da serra.

3. MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO

O homem religioso sente a necessidade de estar em um espaço consagrado, onde o sagrado se manifesta e tem um valor existencial. Conforme relata Eliade (1992), a manifestação do sagrado ocorre de maneira inteiramente diferente das realidades naturais. O indivíduo só toma parte desse fenômeno por que ele se mostra o oposto do profano. Eliade (*Op. cit.*) usa o termo “*hierofania*” para indicar o ato da manifestação do sagrado. Considerando as narrativas orais da Menina da serra como uma *hierofania*, veremos que essa

manifestação religiosa da fé popular pode se caracterizar como um fenômeno sagrado que se manifesta na transmutação da menina Edinete em uma imagem simbólica santificada, pois o sagrado pode se manifestar em qualquer espaço ou pessoa propícia.

Segundo Eliade (1992, p. 13):

O sagrado pode se manifestar em um objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore- e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo. [...] Encontramos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” de uma realidade que não pertence ao nosso mundo- em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”.

A menina da serra torna-se uma hierofania por que revela algo a mais do que uma simples menina que morreu de forma trágica, pois já não é mais uma menina, mas o sagrado. Conforme relata Eliade (1992, p. 13), quando manifestado o sagrado em um objeto qualquer ele se torna algo diferente, contudo continua sendo ele mesmo, ou seja, o objeto continua a participar do seu meio cósmico, o que vai lhe tornar sagrado depende do ponto de vista daqueles que os vêem como algo miraculoso atribuído ao objeto um valor sobrenatural. A informante (K), que pertence à comunidade devota da menina da serra, vê Edinete como uma imagem arquetípica de uma santa, uma figura celestial capaz de realizar milagres, que por conta das promessas alcançadas começa a atrair devotos e romeiros de outras comunidades que se sentem religiosamente atraídos e comovidos pela forma trágica que Edinete morreu. Tal cosmo visão se constata no trecho abaixo:

K.: fez milagre na nossa região e REGIÃO FORA qui já vei gente qui a distante paga a promessa na igreja da menina da serra já tem vino muita gente de fora qui não é de nosso setor aqui pagar promessa a menina da serra por que ela tem sido MILAGROSA (+) lá tem sido feito muta/ tem vindo muta romaria de FORA pagano promessa (+) é tem vindo gente de fora né só aqui não eu já foi muto na/ na serra graças a Deus e: o povo meu tudo vão são religi/ nós sumo religioso GRAÇAS A DEUS à menina da serra e nós tem MUITA FÉ na menina da serra igualmente até um SANTO tem pela menina da serra (+) a pois é.

Observamos no relato da informante (A) uma característica do homem religioso, que consiste na procura constante de vivenciar a experiência sagrada, neste caso específico da Menina da Serra essa experiência sagrada dar-se através de graças obtidas.

3.1 O Local Sagrado

A fronteira entre o espaço profano e o sagrado se encontra no linear como coloca Eliade (1992), o linear separa o mundo profano do sagrado, ou seja, é o local da passagem, a grande porta que divide o local do ritual sagrado, moradia celestial dos Deuses, do mundo exterior. Observemos essa passagem bíblica: “Assim Salomão acabou a casa de Jeová e a casa do rei, e em tudo o que veio ao coração de Salomão para fazer respeito à casa de Javé e à sua própria casa ele se mostrou bem sucedido” (II Coríntios, 7:11).

O versículo da Bíblia traz a passagem da construção do templo de Javé. É notável que a construção de locais sagrados faça parte do ritual da residência do homem religioso, constitua uma tentativa do homem de estar mais próximo de Deus, distanciando-se assim do mundo profano ficando mais próximo do mundo sagrado. Conforme Eliade (1992, p.19), “no interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido”. O homem está sempre à procura de se aproximar do sagrado e assim transpassar do meio profano. Por isso, constrói templos, igrejas, capelas, altares para cultuar sua fé e acima de tudo para estar mais próximo do sagrado.

Segundo relata Eliade (1992, p. 19), “no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses”. Desse modo, o templo é uma ponte por onde o homem pode se comunicar com os deuses ou com Deus, “onde os deuses descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu” (ELIADE, *Op. cit.*, p.19).

Em outro versículo da Bíblia, Jesus ainda criança está no templo de Jerusalém onde pronuncia: “Por que tivestes de ir à minha procura? Não Sabíeis que eu tenho de estar na casa de meu pai?” (Lucas, 2:49). Portanto, o templo é o local da oração, do refúgio espiritual; é visto como lar, onde o homem pode manter um diálogo com Deus, pois os templos consistem em “lugares de passagem entre o Céu e a Terra” (ELIADE, 1992, p.20).

Nas narrativas da menina da serra, a capela pode ser vista simbolicamente como lugar de aconchego, podendo corresponder ao *schème* da intimidade, conforme Durand (2002). Na narrativa, no local onde encontraram morta Edinete construíram uma capela para consagrar o local. Essa prática ritualística de construção de um lugar sagrado pode ser observada na voz da Informante (F):

F.: Aí le/ levaru enterraru ela no cemiteru daqui do Assobio mais aí ((o relógio da casa da entrevistada começou a tocar)) quando/ resolvero fi/ fizaro aquela capelinha na serra encima da serra no canto onde encontraro aí lá a:/ depois arrancaro tiraro (+) tiraro os resto mortais dela daqui do

cemitério levaro e butaro lá na capelinha lá canto (+) só sei até aqui a histora da menina ((a entrevistada rir)) é muito grande a histora só sei até aqui ((ela se balança na cadeira)) mais do que isso .

Simbolicamente o templo ganha funções de purificação do local como nos afirma Eliade (1992, p. 27): “é graças ao templo que o mundo é ressanctificado na sua totalidade”. Portanto, o templo é um local santo que ultrapassa o meio profano purificando e santificando onde ele foi edificado. Já no Brasil colonial a construção de templos para a adoração se torna um costume religioso e cultural daquela época conforme salienta Azzi (1978).

A construção de locais para adoração e rituais religiosos é uma herança de nossos antepassados, um costume do tempo da colonização e da expansão do catolicismo pelo Brasil. Antigamente, o termo usado para designar capela era “*ermida*”. A significação histórica do termo *ermida* é apontada por Azzi (1978, p. 35):

A *ermida* pode ser considerada a capela primitiva do Brasil. O termo “*ermida*” vem de ermo, lugar deserto e solitário. Designava inicialmente um local de culto erigido fora dos centros de população. Não obstante, desde o início do período colonial brasileiro o termo generalizou-se, para designar qualquer local de culto de modesta dimensão, mesmo dentro de zona habitada.

As *ermidas* tratavam-se de simples capelinhas construídas pela comunidade devota em homenagem a algum santo, como é o caso da capela da menina da serra, destinada ao pagamento de promessas onde os fiéis se reuniam para cultuar suas práticas religiosas, assim como para a celebração de missas. Segundo Azzi (1978, p. 36): “Os locais de culto eram resultado da colaboração de todos os habitantes da comunidade e já se destinavam diretamente à celebração do culto litúrgico”.

Quando um fiel faz a passagem para o interior do templo resulta simbolicamente na transcendência do mundo profano para o local sagrado, tornando-se um ato ritual de passagem, onde é possível uma purificação espiritual.

3.2 O Simbolismo do Centro

Vimos até agora que o homem religioso quer vivenciar a presença do divino e manter contato com o sagrado, assim constrói locais sagrados para cultuar suas crenças. Discutiremos brevemente, neste tópico, sobre o simbolismo do centro teorizado por Mircea Eliade, em seu

livro *O sagrado e Profano*, e sobre verticalidade do símbolo de ascensão, mencionado por Gilbert Durand (2002).

Em sua experiência religiosa o homem quer comunicar-se com o divino desta forma situasse no espaço consagrado. Essa comunicação pode ser expressa por um conjunto de imagens como, por exemplo, uma montanha, serra ou monte, dessa forma, o homem, em seu desejo infinito de estar mais próximo do divino, vê nos lugares elevados uma forma de estar mais próximo ao céu, eventualmente de está mais próximos aos deuses.

Conforme Eliade (1992, p.48):

A experiência religiosa envolvida no simbolismo do centro parece ser a seguinte: o homem deseja situar-se num espaço “aberto para o alto”, em comunicação com o mundo divino. Viver perto de um “centro do mundo” equivale, em suma, a viver o mais próximo possível dos deuses.

Eliade (1992) mostra o simbolismo da Montanha cósmica. Neste caso, a montanha se configura como o espaço aberto para o alto e encontra-se no centro do mundo, a montanha traz consigo o símbolo da ascensão. Tudo o que está no alto aproxima-se do divino. Durand (2002), ao tratar dos símbolos de ascensão, fala da Verticalidade que encontra-se no regime diurno das imagens remete as práticas de elevação, fazendo parte também dos *schémes* da subida e da divisão. Segundo Pitta (2005, p.27), “os locais de espiritualidade se encontram na maioria das vezes em elevações”. Portanto, a montanha expressa simbolicamente a ponte de ligação entre terra e o céu localizando-se em grandes elevações.

3.3 Símbolo da cruz

A cruz expressão da fé católica faz parte da nossa tradição cultural religiosa judaico-cristã, pois foi trazida para o Brasil pelos Jesuítas durante o período colonial e introduzida na catequização dos índios.

Desde o início a cruz serviu tanto como expressão da religião oficial como da devoção popular, mas evidentemente com conotações distintas em um e outro caso. [...] Nos primórdios da colonização do Brasil, a ereção de cruzes foi utilizada como manifestação da religião oficial principalmente sob dois aspectos: como marco de conquista e indicação do local de culto (AZZI, 1978, p.13-14).

A cruz é expressão da fé católica, ganhando dimensões simbólicas diferenciadas, conforme o contexto cultural em que é empregada expressando vários sentidos distintos. Em

primeiro lugar, é necessário frisar que a cruz é um elemento da religiosidade popular, sendo utilizada entre vários aspectos como o local do culto litúrgico, da sepultura, como amuleto etc. O simbolismo da cruz é riquíssimo, possuindo significados distintos, que vão deste a oposição entre a morte e a vida à purificação do local ou proteção espiritual. O simbolismo da cruz é certamente ambíguo por ter uma infinidade de sentidos. Tal característica é própria de todo símbolo, conforme afirma Pitta (2005, p. 23): “O símbolo se caracteriza por sua ambiguidade e pelo sem fim de seus significados”.

Portanto, a imagem da Cruz limpa pode expressar a ressurreição de Cristo para os cristãos, já a cruz com a imagem de Jesus crucificado significa a morte de Cristo. “E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para um lugar chamado caveira, que em hebraico se chama Gólgota. Onde o crucificaram, e com ele outros dois, cada um ao lado, e Jesus no meio.” (João, 19: 17- 18). Para um Cristão, a cruz traz consigo o arquétipo da santíssima trindade do pai, filho e espírito santo. Nas narrativas orais da menina da serra, a ereção do cruzeiro foi feita para marcar o local onde acharam Edinete morta. O cruzeiro encontra-se no alto de uma rocha ao lado da capela da menina (ver apêndice). A informante (K) relata sobre o cruzeiro nesse trecho da narrativa:

K.: [...] e butaro a cruz aí o povo ficaro fazeno muita visita aí depois FIZERO (+) um teiado pu povo quando fosse lá: pagar promessa ter a sombra a: depois construiro a capela qui a hoje em dia tem a capela (+).

Desse modo, a cruz também pode tornar-se um símbolo de ascensão quando é erigida em altas elevações como no alto de montanhas, podendo ser utilizada com arma espiritual de proteção e purificação.

A cruz também pode ser incluída no simbolismo do centro, assim como a montanha cósmica e os santuários marcam um lugar sagrado. Desse modo, a cruz pode igualmente desempenhar a função de efetuar uma comunicação com o céu. Segundo Eliade (1992, p. 65): “Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência”. Portanto, a cruz é um símbolo religioso e cultural e mesmo que sua mensagem não seja compreendida de imediato, o homem religioso sempre a verá como algo sagrado que expressa proteção e purificação espiritual.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

4.1 O simbolismo da morte nas narrativas orais da menina da serra

A morte nas narrativas orais da menina da serra é vista como um retorno de Edinete ao recinto celestial, como se o destino dela fosse falecer e retornar a Deus como uma santa. A significação do destino fica implícita e explícita nas narrativas. Observemos a seguir a significação do destino de Edinete nas falas dos informantes (J) e (A):

J.: [...] aí eu foi e disse a ela “dona Rita a senhora se conforme qui foi Deus qui deu don a ela qui foi Deus qui levou ela pa li ele levou ela pu canto dela”.

A.: [...] a bixinha só tava de calsinha BEM SERGUINHA mais: mais era uma obra da/ só Deus mermo (+) aí depois eu sonhei cum sonhei três dias que ela dizia “qui não tinha subido sozinha não nem tinha murrido de sede qui nossa senhora tinha dado água a ela” eu fiquei assim cum/ o povo pegaro a fazer promessa [...].

Na fala do informante (J) fica explícita a ação do destino quando ele diz (“foi Deus qui levou ela pa li ele levou ela pu canto dela”), na narração o informante consolar a mãe de Edinete, que a morte dela era algo inevitável. Já no caso da informante (A) a ação do destino está implícita, ou seja, é necessário realizarmos inferências sobre o sonho da informante em que a própria Edinete relata que “não tinha subido sozinha não nem tinha murrido de sede qui nossa senhora tinha dado água a ela” nesse caso o sonho surgiu como uma revelação do sagrado uma hierofania, também é notável o arquétipo da grande mãe descrito no relato, na imagem arquetípica de Nossa Senhora representando o scherme do cuidado, aconchego. Portanto, na fala dos informantes a morte da menina da serra não pode ser observada apenas como a destruição do corpo mortal, mas como o descanso da alma. Consideraremos agora o trecho do relato do informante (L):

L.: o/o jumento qui tinha butado carga da água voltou o jumento pa cumer na manga aí ela vai acumpanhano o jumento (+) e perdeu aí ((não foi possível transcrever essa parte)) de oitenta a cem pessoa procurano três dia acharo ela nos três dia aí já tava morta (+) murrido a pouco tempo (+) aí fizeram capelinha aí todo mundo viu qui era cumo milagre [...].

Verificamos que a morte aqui nesta narrativa possui uma característica de inversão de sentido, a morte é vista como um milagre expressando a santidade de Edinete. Podemos ainda considerar a morte da menina como um eterno recomeço, ela morre como uma criança

normal e renasce como uma santa no imaginário de seus devotos. O imaginário é tão versátil que em determinado contexto cultural e social o jumento é considerado um animal sagrado, essa comparação é perceptível na voz dos narradores populares. Na associação do ponto de vista semântico das imagens podemos comparar Edinete com o menino Jesus através da imagem arquetípica do jumento que se transforma em um símbolo convergente, que se liga à visão da sagrada família do presépio de natal que representa o nascimento, a renovação da vida onde aparece a imagem menino Jesus, Maria e José onde está presente o jumento.

4.2 O arquétipo de santidade nas narrativas orais da menina da serra

A menina da serra se traduz como símbolo de fé e devoção, considerada uma santa no contexto específico da religiosidade católica popular, manifestando-se no decorrer dos acontecimentos pós morte. Observemos esse trecho da narrativa a seguir:

K.: [...] aí o povo ficaro fazeno visita e butaro a cruz aí o povo ficaro fazeno muita visita aí depois FIZERO (+) um teado pu povo quando fosse lá: pagar promessa ter a sombra a: depois construiro a capela qui a hoje em dia tem a capela (+) eu ainda fui lá agora mermo depois qui minha idade ficô muita avançada eu num subi mais a serra não ainda eu subi lá a serra parece qui unas DEZ VEZ eu fui lá fazer visita na capela na cruz logo assim que ela foi encontrada eu fui eu fui fazer visita lá AÍ: trucero o/ o corpo mortal dela interraro no Assobio mais aí depois qui fizero a capela aí vinhero e tiraro o resto levaro fizero sepulcro na igreja (+) sepucro dela lá na igreja da serra agora já faz um pouco de ano qui eu não vou lá qui depois qui eu interei setenta tem medo de ir e não consegui subi a serra qui a subida é meia né naneirinha não ((a entrevistada rir)) apois é mais ela tem sido uma pessoa muito/ graças a Deus ela tem sido MILAGROSA a menina da serra quem fez promessa cum ela graças a Deus foi ouvida qui ela é uma pessoa qui morreu (+) cum (+) quatro/ ela tinha ((a entrevistada pensa um pouco antes de iniciar novamente seu turno de fala)) cinco ano de idade ERA QUATRO ela tinha uns quatro ano tava dento dos cinco.

Esses acontecimentos após a morte de Edinete, relatados pela informante (K), como as peregrinações em visita ao local onde encontraram Edinete morta, a fixação de uma cruz e a construção da capela, com a finalidade de marcar o local da morte e os pagamentos de promessas, auxiliaram a formação do imaginário coletivo acerca da imagem santificada da menina, sendo a fé de seus devotos representada a partir da construção desses monumentos, que para seus fiéis tem uma grande importância espiritual e afetiva. Outro aspecto analisado são as marcas linguísticas que revelam a imagem arquetípica de santidade em Edinete, no fluxo da voz da entrevistada (“ela tem sido MILAGROSA a menina da serra”), (“fez

promessa cum ela graças a Deus foi ouvida”). Essa visão arquetípica de santa também é observada na voz do informante (A), (L) e (J):

A.: [...] eu agradeço muito e CONFIO qui ela é/ já é uma santa mesmo FOI DEUS QUI LEVOU ELA e nossa senhora qui levou ela mermo por que uma criança daquele tamanho bem piquininha subi A SERRA (+) é só Deus mesmo qui podi dá conforto por ela ter subido né? só Deus mermo (+) por que a pessoa fazer promessa (+) recebi a graça.

L.: Mil novecentos e setenta seis: (+) aí ela três dia (+) aí fizero um capelinha: (+) e: todo mundo tem ela cumo uma santa (+) eu mermo já vó já vó ino lá vinte dua vez (+) todo mundo qui vai lá fica cum fé ver como foi situação (++) ali era pa ter alguma pessoa ter se interessado até uma iscada melhor pa subi melhor né mai o povo ainda faz ela é mutó milagrosa quem faz promessa cum ela é valido (+) eu fiz uma promessa e fui valido tudo mundo vai.

J.: no cemitério Assobi quando foi pa tirar do do da cova pa levar por pa CAPELA diz qui ela tava perfeitazinha do jeito qui foi enterrada tava bem perfeitazinha diz o pessoal né ninguém sabi diz o pessoal qui ela viro santa (+) o pessoal diz isso agora do jeito qui foi enterrada tava bem perfeitazinha a terra num comeu nada.

A idéia do arquétipo de santidade da menina da serra é composto por conjuntos de elementos linguísticos que formam imagens as quais se agrupam transformando-se em constelações, fundando assim o imaginário coletivo da santidade de Edinete (“qui ela é/ já é uma santa”), (“a pessoa fazer promessa (+) recebi a graça”), (“todo mundo tem ela cumo uma santa”), (“ela é mutó milagrosa”), (“ela tava perfeitazinha”). A forma de denominação popular (“perfeitazinha”) aqui empregada para referi-se a Edinete não está no seu significado pejorativo, mas enfatizando sua perfeição no sentido de santidade.

4.3 Signos icônicos

Na voz dos informantes entrevistados, surge a imagem de uma serra, a Serra dos Bois, onde encontraram Edinete morta. Por isso, a menina Edinete ficou popularmente conhecida como “A menina da serra”. A serra dos bois torna-se um elemento importantíssimo na construção do imaginário religioso acerca da imagem santificada de Edinete, pois tal lugar desfruta de um simbolismo místico que lhe permite a associação com uma montanha sagrada, onde é possível uma comunicação direta com o divino. O seu difícil acesso também é usado pelos fiéis da menina como uma forma de penitência no pagamento de promessas, como identificamos na fala da informante (A): (“foi muita gente/ vem muita gente do/ de LONGE pa fazer promessa (+) fazia e vinha agradecer o povo”). Na bíblia, encontramos vários relatos sobre montes sagrados. Podemos fazer referência ao calvário onde Jesus foi crucificado; seus

seguidores visitam o local que se transformou com sua morte em terra santa; o mesmo ocorre na serra dos bois, tendo o local se tornado para os devotos o santo sepulcro de Edinete; por isso é alvo de constantes peregrinações.

Observemos os seguintes fragmentos dos relatos transcritos dos informantes (G), (F), (M), (B) e (A) onde os informantes falam sobre a serra:

G.: Perto da serra dos boi: fica/ pa onde , pra onde ela morava, pa onde: / a riba da serra dava mais ou menos um: légua né? ((neste momento uma mulher dialoga com o informante)) (+) DEZ quilomo, num chega uma légua não pu que ela veí arrudiano, quando foi: / nós passemos três dias caçano, no primeiro dia eu não fui não eu fui no segundo dia aí que fui mai Gerado Noguera, chamei ele nós peguemo arrudiano a serra dos boi, fumo até no calam/ açude do calambanje , “Gerado vamo soltar pa trás subi a serra?” ele disse “você é doido Zé? Tá veno que essa menina não subiu essa serra!”. “Subiu ela não ta aí no chão não”, ((o entrevistado começa a contar nos dedos)) procu/ acharo chucai, acharo amarra veia de chucai, acharo até marraco veio, qui a véia de Dedeu tinha perdido na serra ,na manga e nada de encontrá nem o rastro dela. QUANDO FOI, no segundo dia de tarde ((o entrevistado aponta para a câmera)) no terceiro/ no segundo dia de tarde já o sol posto eles subiro no terço/ no segundo dia eles subiro quando foi / mais ou menos era de tardezinha o sol ia se ponu. Pedo Fasto andava mai uns cabra aí eu e os menino debandaro, vamo simhora vamo descer aqui não tem ninguém não. Pedo Fasto achou o rastro dela ((gesticulando com as mãos enquanto fala)) tem aquela/ tem: você já foi lá já? ((O homem que está sentado ao lado do entrevistado confirmar que já foi no local)) tem, tem.

F.: [...] aí não encontrava aí quando foi no dia vinte e nove VINHERO achar no dia trinta de manhã na serra dos boi num lugar muito isquisito lá disse que ela subiu uma serra uma peda muito alta.

M: Ela saio num sabo né de tardizinha acumpano uns ANIMAIS aí: seguiu em busca da serra né aí: quando sentiro fata ainda vinhero de noite ((o entrevistado gesticula com as mãos)).

B.: [...] Aí o padim dela encontrou ela morta em cima da serra, serra dos boi aí lá fizeru cá/ aí ouvi um aviso dos carru mà/ qui fosse pa serra da menina, que os tijolu lá em baxu subissi cum tijolim, aí lá ele construiu a capelinha e a casa dos milagre.

A.: [...] Um: matu lá chei de ispim “aí dissí qui ela pa ainda viro ela passar mas o povo num: pensano qui ela ia cum outra pessoa subino a serra”(+) . Aí chegou lá em cima ela/ aonde ela tava era UM CANTO MUITO ALTO, eu fui lá olha assim ((gesticulando com as mãos)).

Observe no fluxo da voz dos informantes que a serra é descrita com um lugar elevado de difícil acesso, como nas expressões utilizadas pelos informantes (“a riba da serra”), (“serra uma peda muito alta”), (“em cima da serra”). A informante (B) dá ênfase, elevando a voz ao mencionar o lugar da serra (“UM CANTO MUITO ALTO”); além de

gesticular com as mãos, demonstrando que o local era verdadeiramente elevado. A serra dos bois nesse contexto caracteriza-se como *schéme* da subida, definindo-se como símbolo de ascensão. É importante frisar que houve uma variação na denominação do nome da serra, sucedido na voz a informante (B), ao referir-se à serra dos bois como “serra da menina”. Observemos que a serra passa a ser associada à imagem da menina, de tal forma que a serra dos bois passa a ser arquétipo da morte da menina, uma vez que os devotos ao se referirem à serra evocam em sua mente como primeira imagem a morte, o encontro e a santificação de Edinete.

Os devotos da menina da serra construíram monumentos em sua homenagem como uma forma de agradecer e também de manifestar sua fé através desses signos icônicos como, por exemplo, a construção da casa dos milagres, relatada pela informante (B), que é o local no qual ficavam expostos os ex-votos trazidos pelos peregrinos e romeiros que por motivos de má conservação da casa dos milagres os ex-votos foram transferidos para o interior da capela. Simbolicamente esse lugar guarda o resultado da fé dos fiéis da menina da serra, como se verifica na imagem abaixo:



Figura 1 – Foto da casa dos milagres. (fonte: Pesquisador, 2014)

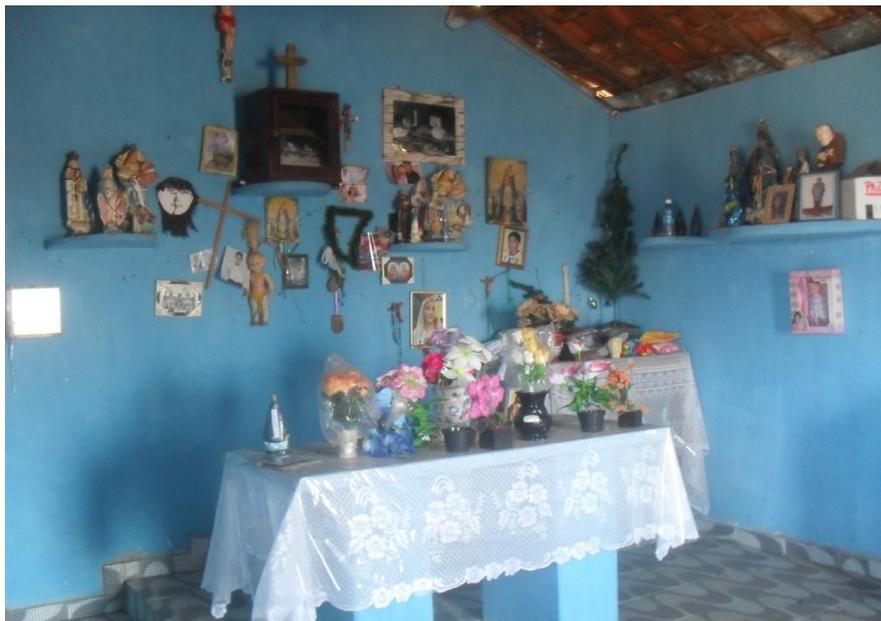


Figura 2-Imagem dos ex-votos no interior da capela. (Fonte: Pesquisador, 2014)

A santidade de Edinete também é edificada e concretizada através desses signos icônicos que estão vinculados a atos de adoração. Esses fenômenos como a construção de capelas, casas dos milagres e ereção de cruzes são recorrentes na religiosidade popular como umas das formas que os devotos encontraram para demonstrar e concretizar sua fé.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação de Edinete em imagem arquetípica de santa dá início a um fenômeno sagrado e religioso constituído pelo imaginário coletivo de seus devotos. O conjunto dos relatos produzidos pelos fiéis da menina são dotados de valores simbólicos, os quais sustentam o imaginário e garantem a preservação dessa tradição religiosa popular passada de geração em geração fortalecendo ainda mais a visão arquetípica de santidade da menina.

Ao encerrar este trabalho não podemos chegar a uma conclusão fechada acerca de como se constitui o caráter de santidade da menina da serra, presumimos que os conjuntos de todas as imagens simbólicas relatadas na voz dos informantes, as expressões (“ela tem sido milagrosa, já é uma santa, todo mundo tem ela como uma santa”), as promessas e romarias, as graças alcançadas que juntamente com os signos icônicos (serra, capela, casa dos milagres, cruzeiro) exercem fortes influências para a criação desse imaginário religioso popular, portanto nossos objetivos: mapear expressões linguísticas que revelam o imaginário popular sobre o arquétipo de santidade acerca da Menina da Serra; analisar os sentidos dos símbolos

que envolvem as narrativas orais da Menina da Serra; constituir os fios da memória coletiva sobre a Menina da Serra nas marcações das narrativas orais, foram compridos assim como nossa problemática. Levamos em conta também o contexto cultural e religioso do nordeste de apreciação de imagens de santos para chegar a essa conclusão, pois a fé e devoção tão conhecidos dos sertanejos ajudam a reforçar a crença de santidade de Edinete.

A pesquisa etnográfica dará aberturas para novas interpretações, os dados da pesquisa serviram de base para futuros estudos científicos no campo da Linguística e da Antropologia. Tornaremos os dados do *corpus* disponíveis para aqueles que desejarem estudar a cultura religiosa popular, contribuindo tanto para a preservação memória cultural da Cidade de Riacho dos Cavalos-PB onde a pesquisa foi realizadas, assim com para a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

BÍBLIA. Português. **A bíblia sagrada: contendo o velho e o novo testamento**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Brasília-DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1980.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição Oral & Tradição Escrita**. Tradução: Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução: Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANÇA NETO, João Irineu de. **Vozes e performances de rezadeiras e rezadores da Paraíba: uma abordagem linguístico-antropológica de tradições orais**. Tese de doutorado – PROLING/UFPB, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Benedita Maria Soares

Idade: 64 anos

Data da entrevista: 27/08/2012 (primeira e segunda partes)

Legenda: A = Benedita, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo 764 .AVI (00:05:09)

A.: Vou contar a historia que: ela morava perto de lá da minha casa (+) era piquininha ela saiu atrás da mãe (+) mãe dela saiu pa (+) / ia manda encomeda uma ropa pa custura, ela cumpanhou mãe dela (++) ia atrás dum jumento qui saiu na: istrada um: Ela hum: / perto da serra ia ela saiu desapareceu depois (+) sintiro falta dela aí: foi po: povo procura, PROCURARU primeiro dia não incontraru aí: deu uma chuva di noite aí incontraru o chinelim dela (+) só um aí: aí marcaru logo canto pá subí , aí no outro dia: subiu de novo um povo tudo qui num subiru e haja gente procura e não tinha jeito de achar, aí (++) ma/ toda vida qui eles procurava marcava um canto, subia era muito/ tinha um: matu lá chei de ispim “aí dissi qui ela pa ainda viro ela passa mas o povo num: pensano qui ela ia cum outra pessoa subino a serra”(+) . Aí chegou lá em cima ela/ aonde ela tava era UM CANTO MUITO ALTO, eu fui lá olha assim ((gesticulando com as mãos)) ((não foi possível transcrever)) unas peda qui a gente olhava tão: como um primeiro andar quando a gente ta muto em cima do primeiro qui desce vê bem alto aí meu/ forô meu cunhado forô procurar cortar um: pau pa fazer um: cabo de inchada aí eles tava lá em cima subiro/ dero fé duma menina lá da menina ela tava já pa descer descida pa cair pu outro lado aí acharo ela parece qui tinha murrido naquela hora por que tava bem molinha aí o povo tudo gritano: da minha casa a gente uvia os grito era tanta da gente procurano (+) aí trucerro lá pa casa da mãe dela eu ainda fui lá olhar a bixinha só tava de calsinha BEM SERGUINHA mais: mais era uma obra da/ só Deus mermo

(+) aí depois eu sonhei cum sonhei três dias que ela dizia “qui não tinha subido sozinha não nem tinha murrido de sede qui nossa senhora tinha dado água a ela” eu fiquei assim cum/ o povo pegaro a fazer promessa ((não foi possível transcrever)) foi muita gente/ vem muita gente do/ de LONGE pa fazer promessa (+) fazia e vinha agradecer o povo le/ levava as coisa/ lá tem uma casa cheí de: de coisa qui o povo faz promessa sabe? Leva re/ foto leva muta coisa (+) pois é: coisa mutto interessante a pessoa saber/ ela ainda era da minha família (+) sou Benedita Maria Soares ela também é Soares aí sei qui fizero a igrejinha lá já foi padi celebra missa acharo muito interessante lá em cima o povo levava as coisa lá (+) depois se eu súber mais eu conto mais.

P.: Ta certo a: senhora dá permissão pra eu: gravar esse vídeo com a imagem da senhora para nossa pesquisa?

A.: Podi: podi gravar. ((não foi possível transcrever)) fico assim emocionada EU POSSO OLHAR?

P.: Podi então a senhora dá permissão?

A.: Posso dar EU AGRADEÇO A DEUS ((a informante coloca a mão sobre o peito emocionada)) qui eu sou ministra da eucaristia (+) eu: sou de Deus né por que a gente a gente confiamo em Deus tudo que a gente pedi NÉ? Deus faz tem que confiar nele né/ eu agradeço muito e CONFIO qui ela é/ já é uma santa mesmo FOI DEUS QUI LEVOU ELA e nossa senhora qui levou ela mermo por que uma criança daquele tamanho bem piquininha subi A SERRA (+) é só Deus mesmo qui podi dá conforto por ela ter subido né? só Deus mermo (+) por que a pessoa fazer promessa (+) recebi a graça.

P.: A senhora tem fé?

A.: Fé e muita eu já recebi muito milagres pa mim de acontecer as coisa eu/ fazer promessa e: foi curada (+) foi curada duas vez já graças a Deus/ cinco medico tinha dito pa mim operar mais eu confiei em Deus e não precisou mais mim operar não quem mim operou foi Jesus pois é (+) eu confio muito o povo pedi ((não foi possível transcrever)) pa rezar por minha família to precisano tem muita fé a gente reza nas casa/ legião de Maria a gente também (+) se reuni pa gente fazer reunião/ legião de Maria graças a Deus cuidoo mutto das coisa da igreja.

Segunda Parte

Vídeo 765. AVI (00:00:34)

P.: Como é que tava aparência dela? Como é que ela foi ENCONTRADA?

A.: Hê (+) ((Faz um gesto com a cabeça inclinando para cima. Tentado puxar da memória o que foi perguntado e com ar de riso responde)) rapá eu vi ela tubem mais nu : tava (+) nu: tava muito acabada naum : é uma coisa assim: que eu num : sei naum. SÓ Jesus mesmo (+) ela de causinha ((faz um gesto com as mãos na cintura)) a causinha bem: lipinha (+) num tinha sujera nem nada a calsa.((novamente faz um gesto para lembrar da história)) e ela já tava de PE discalso (+) que ela tinha pirdido o chinelo/ agora ela tava toda QUEIMADA ((Faz o gesto com a mão esquerda passando-a no braço direito)) Du (+++) como é? (+) tem um (+) um mato que queima sabe? Na Serra : /

P.: QUEIMA-QUEIMA?

A.: Não:

P.: Não?

A.: Não aveloz (+) sei la é: um negocio (+) um nomi assim: / um pessoa vem ali ((sorrir e chama a pessoas que vai passando)) HEI RAIMUNDA: vem aqui.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Cosma Pereira da silva

Idade: 58 anos

Data da entrevista: 27/08/2012 (primeira e segunda partes)

Legenda: B = Cosma, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo 768.AVi (00:00:22)

B.: Eu vi um aviso na radia de Pompal qui o pai da menina pidino o povo,quando fossi pa serra dela (+) subisse cum tijolo aí eu fui subi cum dois tijolim (+) aí lá ele construiu igrejinha e: a: Casa dos Milagres.

Segunda parte

Vídeo 770. AVI (00:01:46)

B.: A mãe de Edinete saiu pa casa duma vizinha aí dexou a menina ma/ dexou a menina ma a mai véia (+) disse ele qui tivesse cuidado nela qui ela já tinha se perdido uma veis , aí ela foi/ quando chegou em casa de seis hora qui percurô a menina num mai ((ouve-se uma voz ao fundo)) ela acumpanhou saiu acumpanhano um: jumentim aí passaru um:/ ate si qui hora da noite caçano ela e não encontraru ela, aí no outo dia começaru dinovo precurano ela e num encontraru, aí viru o rastim dela num açudim onde ela bebeu água e deixo um chinelim,aí sairu caçano ela pecura nu num incontraru não, aí quando foi no outo dia foru . Aí o padim dela encontou ela morta em cima da serra,serra dos boí aí lá fizeru cá/ aí ouvi um aviso dos carru mà/ qui fosse pa serra da menina, que os tijolu lá im baxu subissi cum tijolim, aí lá ele construiu a capelinha e a casa dos milagre.

P.: Conta aí: do negocio do cruzeiro.

B.: Aí tem um cruzeirim incima duma peda (+) assim do lado da capelinha (++) pronto é só isso.

P.: E a fé você já pagou promessa pra menina?

B.: Sim! eu paguei a promessa (+) fui pagar promessa não sei qual foi o ano mais não (+) to mais lembrada não (+) que paguei a promessa lá fui valida da promessa (+) o: menino de quatro ano meu tinha umbigo muito grande aí eu levei ele (+) ele subi-se ele tinha quatro ano ele (+) subiu cum péis dele e desceu e paguei a promessa que fiz (+) ele foi/ ficou bom do umbigo.

P.: Posso usar sua imagem neste vídeo para minha pesquisa?

B.: Podi.

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico-Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Luzia de Sousa

Idade: 32 anos

Data da entrevista: 17/11/2013 (primeira e segunda partes)

Legenda: C = Luzia, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01648 (00:01:37)

P.: Podi começar seu relato.

C.: Bom nessa época eu nem era nascida ainda, eu conto o qui eu escuto os mai veio dizer meus pais contaro (+) histora da menina qui dia vin:te e seis de novembo de mil novicentos setenta seis (+) ela saiu brincano se distraiu-se com animais,olhano os animais e: foi entro na mata e se perdeu-se (+) ai quando/ anoiticeu contaro pela falta dela si reunisse muitas pessoas mais ou menos umas oitenta pessoas e passaro três dias procurano (+) nos três dias encontaro ela morta num: num talhado cumo se diz lá na serra (+) ela caiu e morreu lá di fome se:di também sofreu muito três dia perdida uma criança piquena e:/ aí: fizero ate uma capelinha no local (+) quando ela foi encontrada no corpo dela foi encontrado e muitas pessoas hoje em dia vão/ sobi a serra tem abito de subi a serra pa homenagear ela pra lembrar a histora dela (+) vão lá na capelinha fazem promessa vão pagar promessa lá e: deve um violero o poeta Sebastião da Silva fez até um puema cuntano toda histora da menina da serra (+) muito interessanti essa histora nunca será esquecida (+) PRONTO é só isso qui seu contar.

Segunda Parte

Vídeo MOV01649 (00:00:06)

P.: Nos permiti utilizar: este vídeo na nossa pesquisa?

C.: SIM: podi utilizar.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Maria de Sousa

Idade: 30 anos

Data da entrevista: 17/11/2013 (primeira e segunda partes)

Legenda: D= Maria, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01646 (00:01:51)

P.: Podi relatar sua is/ a história.

D.: Qui no ano setenta seis (+) nu dia: vinte e nove di: novembo (+) a: menina (+) tava brincano mais ou menos uma três hora da tarde (+) aí: (+) se intreteu cum animai cum PASSARUS qui via aí saiu segui:ndo (+) aí ao (+) ao anoitecer ela perdida aí saiu no rumo da serra (+) aí (+) si perdeu aí subiu a serra e ficou lá um/ aí mais oh menos uma oitenta pessoa sairu a procura (+) parti di outro dia (+) e: (+ +) mais não conseguiu incontrar aí quando foi dia trinta de novembo já cum três dia aí conseguiu incontrar ela mais já sem vida morreu di fome e serdi por que onde ela tava não ti como consegui água (+) alimentu aí (+) pegaru ela sepultaru no cimiteru do Assobiu.

Segunda Parte

Vídeo MOV01647 (00:00:05)

P.: Posso utilizar esse vídeo na nossa pesquisa?

D.: Podi sim.

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): José Anastácio

Idade: 38 anos

Data da entrevista: 17/11/2013 (primeira e segunda partes)

Legenda: E = José, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01654 (00:01:45)

E.: ((gesticulando com a mão, abanando o rosto)) A histora (+) foi histora muito muito triste ((ouvisse um voz de uma mulher ao fundo conversando)) dessa menina acontecimento família ficou muito triste ((nesse momento o entrevistado gesticula com a mão para frente e para trás olhando para a pessoa que estava ao seu lado)) muito chocada cum esse acontecimento aí fizeram a CAPELA lá nu local onde ela morreu.

P.: Hum

E.: O pessoal o povo faz muita promessa pa/ eu acho qui té muita gente já: a acansou / ((um homem fala para o entrevistado, falar que as pessoas levavam tijolos para a construção da capela)) ao cansou GRAÇA promessa feita dessa menina ((Um homem fala simultaneamente ao mesmo tempo que o entrevistado)) fui muito difícil fazer capela lá pu que era muito alto pa subi o material lá/ ((o homem continua falando sobre os tijolos)) ((neste momento o entrevistado olha em direção ao homem com uma expressão no rosto de descontentamento pois não parece gostar das interrupções do homem.)) pa subi tijolo (+) cimento pa construir/ÁGUA (+) mais consigo fazer e: cum ajuda do povo muita gente reuniu-se lá fer FIZERO e: (+) ta lá a capela ((o entrevistado parte a mão na parede e lambe os lábios aparentemente ansioso)) pa todo mundo ver quem: muita gente já visitou ((nesse momento o entrevistado faz um final com a mão afirmando o que tinha dito e sorrir.)) MUITA GENTE DE FORA só daqui a região ((o homem confirma o que o o entrevistado acabou de

falar)) muto de fora lon:ge vem carro onbre de gente (+) / ((o homem continua falando ao fundo)) qui ta lá essa capela lá celebraro missa já todas as / quando é na sexta feira santa ((um mulher fala ao fundo)) o pessoal vai visitar lá muta gente sobi a serra lá vai visitar lá mais EXPEDITO ZUZA (+) Expedido Soare ((nesse momento ele corsa a cabeça num gesto de confusão com os nomes ditos)) Rita (+) Rita Alzira a: mãe (+) DELA (++) .

Segunda Parte

Vídeo MOV01655 (00:00:05)

P.: Posso utilizar:: este vídeo na nossa pesquisa?

E.: Podi.

APÊNDICE F- TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Rita Maria de Sousa

Idade: 60 anos

Data da entrevista: 17/11/2013 (primeira e segunda partes)

Legenda: F = Rita, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01644 (00:02:27)

F.: Ta bom?

P.: Podi contar seu relato.

F.: É: pu que eu sei bem qui foi assim, no dia vinte e sente de novembo de setenta e seis.

P.: Hum.

F.: De tardizinha dissí que a menina se treteu brincano ((gesticulando com as mão)) olhano os animal qui tava passano na frente da casa e ela se intreteu olhano esses animal e saiu seguino os animal (+) aí: muito intretida aí anoitceu a menina não apareceu aí pegaru a chamar (+) chamou muito sairu ((gesticulando com as mão, ao mesmo tempo que explicava)) andando e chamano a menina andaru gritaru muito anoitceu e passou a noite (+) amanhiceu o dia (+) dia vinte e oito nada de da aparecer a menina (+) se reuniu unas oitenta pessoa caçano procurano (+) aí não encontrava aí quando foi no dia vinte e nove VINHERO achar no dia trinta de manhã na serra dos boi num lugar muito isquisito lá disse que ela subiu uma serra uma peda muito alta e caiu mais disse que acharo o corpo dela tava friín: tudo muito peladim de bater (+) andar incima das peda muito sequim (+) muita FOME passou muita fome e SERDI qui até as fôia aquelas fôia do mato ela tirava as fôia pa cumer qui não tinha água tava na boca pa chupar aquelas casca de pau aquelas fôia cum muita serdi (+) SERDI E FOMI! CUM TRES DIA que ela passou perdida quando foi no dia trinta de manhã

foi qui encontraru ela morta aí só sei até aqui a histora dela a piquena histora qui eu sei até aqui por que (+) A HISTORA DELA foi grande ma só sei até aqui .

P.: Ta certo .

F.: Aí le/ levaru enterraru ela nu cemiteru daqui do Assobio mais aí ((o relógio da casa da entrevistada começou a tocar)) quando/ resolvero fi/fizaro aquela capelinha na serra encima da serra nu canto onde encontaro aí lá a:/ depois arrancaro tiraro (+) tiraro os resto mortais dela daqui do cemitéro levaro e butaro lá no (+) capelinha lá canto (+) só sei até aqui a histora da menina ((a entrevistada rir)) é muito grande a histora só sei até aqui ((ela se balança na cadeira)) mais do que isso .

Segunda Parte

Vídeo MOV01645 (00:00:06)

P.: Eu posso utilizar: esse vídeo na nossa pesquisa?

F.: Podi sim.

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico - Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): José Tavares Sobrinho

Idade: 64 anos

Data da entrevista: 17/11/2013 (primeira, segunda, terceira e quarta partes)

Legenda: G = José Tavares, P = Pesquisador, S = senhor que dialogou durante a filmagem.

Primeira Parte

Vídeo MOV01650 (00:04:39)

G.: Perto da serra dos boi: fica/ pa onde (+) pra onde ela morava, pa onde: / a riba da serra dava mais ou menos um: légua né? ((neste momento uma mulher dialoga com ele)) (+) DEZ quilomo (+) num chega uma légua não pu que ela veí arrudiano (+) quando foi: / nos passemos três dia caçano (+) no primeiro dia eu não fui não eu fui no segundo dia aí que fui mai Gerado Noguera (+) chamei ele nós peguemo arrudiano a serra dos boi (+) fumo até no calam/ açude do calambanje (+) Gerado vamo soltar pa trás subi a serra ? ele disse “você é doido Zé ? ta veno que essa menina não subiu essa serra” (+) subiu ela não ta aí no chão não (+) ((o entrevistado começa a contar nos dedos)) procu/ acharo chucaí acharo amarra veia de chucaí acharo até marraco veio (+) qui a véia de Dedeu tinha perdido na serra ,na manga e nada de encontra nem o rastro dela (+) QUANDO FOI no segundo dia de tarde ((o entrevistado aponta para a câmera)) no terceiro/ no segundo dia de tarde já o sol posto eles subiro no terce/ no segundo dia eles subiro quando foi / mais ou menos era de tardezinha o sol ia se ponu Pedro Fasto andava mai uns cabra aí eu e os menino debandaro,vamo sim bora vamo descer aqui não tem ninguém não Pedro Fasto achou o rastro dela ((gesticulando com as mãos enquanto fala)) tem aquela/ tem: você já foi lá já? ((O homem que estar sentado ao lado do entrevistado confirmar que já foi no local)) tem, tem .

P.: Não.

G.: No meí da serra tem um teado tem um canto que Expedito de Zuza fez (+) meno naquele/ no lado daquele teadozim (+) tem/ achou o rasto dela na varreda no lugar de João Carneiro (+) no lugar de João Carneiro subia a serra e deixou a varreda feita aí quando ela subi é / ele achou o rasto tava o sol posto aí já tinha descido todo mundo foi ele pegou duas peda butou ((ele mostrar com as mãos como as pedras foram colocadas)) em cima do rasto dela cubrino aqui é pa amanhã pa eu dizer a ele “QUANDO EU CHEGAR EM CASA E DIZÉ ninguém vai acreditar qui eu achei o rasto da menina subino a serra” o rasto ((faz um resto com a mão como se estivesse apontando o lugar para onde ela subiu a serra)) aí ele chegou em casa e disse “rapaz: a noticia ali nas Craúnas, ele morava ali em João de Zezim de Zé Fasto, ai chegou aí dissero/ o que é que faz que achou da menina lá/ NO MEI DA SERRA LÁ NA BAXA (+) qui tem a baxa e começa a subida aí ela ta em cima da serra aí subiu” (+) quando foi no outo dia subiru.

((nesse estante o Senhor, começa a contar o relato da história da menina da serra, ele será denominado por S, pois não é o entrevistado principal e começou a contar seu relato simultaneamente com o entrevistado))

S.: A: a parti de oitenta pessoa.

G.: De umas oitenta pessoa, no chão e pu todo canto tinha gente ((o entrevistado começa a contar a quantidade de pessoas com os dedos)) aí subiu Sergio e Miguel foro pa cima da serra aí: Sergi disse “qui já tinha andado pu todo canto aí tinha serrote grande onde acharo ela tinha um pé de loro ((ele aponto o lado onde ficava a planta)) muito grande pu lado de baxo assim” (+) ele disse “vamo olhar naquele pé de loro ali Miguel” nos pega um cabo de inchada e nós corta (+) quando ele subiu a peda ((ele aponta para cima, demonstrando que a pedra era alta)) a peda deradera é alta.

S.: É alta.

G.: Quando ele olhou pa baixo tava a menina bem estiradinha nu pé da peda aí ele alaímou “a menina ta morta aqui no pé da serra, ta aqui”! Aí emburrou o grito E HAJA SUBI GENTE, E HAJA SUBI GENTE aí subiro trucerro ela lá pa de Expedito (+) pegaro ela trucero (+) chegou todo mundo aí levaro e butaro na casa de Expedito foi enterrada no Assobio e depois arrancar, não sei o que foi? Que pedio pa arrancar . ((Um homem fala durante a entrevista)) ta.

G.: Expedito foi de novo devol/ arrancar e levaro pa serra onde tem aquele lá tem muito (+) tem muito/ a capela tem onde foi achado ela memo em baxo (+) os milagres tem tem perna tem cabeça (+) TEM TUDO LÁ.

S.: Lá tem muito.

G.: Agora faz (+) faz vergonha qui eu moro mesmo encostado a serra (+) já faz três quatro ano qui eu não fui lá aí: muita gente no dia qui fizero celebaro a missa agora lá tinha gente (+) no primero dia qui a missa/ foi o padi (+) qual foi o padi hem: você lembra ?

S.: Lembo? Lembro não só se foi o padi qui subiu ((O homem menciona o Frei Paulo)).

G.: Tinha gente de mais na primeira missa (+) recadou dinheiro da dava pra encher o saco (+) o cabra de São Bento tumou emprestado e: ((gesticula com as mão no sinal que o homem levou todo o dinheiro)).

Segunda Parte

Vídeo MOV01651 (00:00:05)

P.: O senhor: nos deixa utilizar este vídeo na nossa pesquisa?

G.: Podi utilizar.

Terceira Parte

Vídeo MOV01652 (00:01:43)

G.: GERADO VAMOS SUBI A SERRA ? ele disse não: essa menina não/ ((o entrevistado gesticula as mãos enquanto conta seu relato)) quando: foi no terceiro dia eu disse a ele (+) oi eu não disse você se noi vamo no primero/ segundo dia noi tinha achado a menina ((As pessoas que estavam na sala confirmam o que o entrevistado falou)) TINHA (+) tinha achado ela viva mais ele disse “não vamo subi não (+) vamos subi não já é: tardi” era doze hora do dia aí nós disistimo vinhemo simbora (+) tinha gente de mais já (+) se tem subido a serra no horaro qui nós (+) qui eu cheguei qui eu chamei ELE négoosso de oito hora nós tinha subido a serra cum acabaça d’água dum nado já tava peparado pu que achasse ela dava um pouco d’água/ ((nesse momento o senhor dono da casa fala simultaneamente enquanto o entrevistado fala)) se a menina vinhece morrer de fome e serdi ((nesse estante o Senhor, começa a contar o relato da história da menina da serra, ele será denominado por S, pois não é o entrevistado principal e começou a contar seu relato simultaneamente com o entrevistado))

S.: Se esse povão qui (+) qui:: qui: andava andava atrás dela que passava o dia todim andano só no sertão.

G.: Hum.

S.: Aí se pegasse pa cima da serra/

G.: E eu disse a menina ta em cima da serra camei Gerado pa subi ele disse não: A CUTINA do povo era essa ((o entrevistado apontando com as mãos, com os braços esticados mostrando)) Era pa morrer mesmo (+) pu que todo mundo cum a bo/ essa menina não sobi a serra a menina cum quatro ano ((neste momento ele se exalta , gesticula com os braços afirmando o que estava contando)) não sobi pa riba daquela serra só cum: sei lá.

S.: Ir lá pra proinha da serra

G.: Deradeiro cacuru

S.: Sabi

G.: LÁ É ALTO! LÁ É SERROTE! LÁ É MATU! nera brincadera não ((o entrevistado abre os braços para demonstrar que o local era verdadeiramente alto)) ISTRADA (+) tem istrada mais nessa época o cabra chegar lá dava trabai onde ela tava.

S.: Ave-maria!

G.: Ela foi pu debaixo dos matu (+) uma menina bem piquinhinim.

S.: Foi: de loca em loca ((mostrando o caminho com as mãos, como se ela fosse subindo)) nas loca de peda .

G.: Aí disse que Sergio burrou o grito aí o povo res/ quando ele gritava em riba da serra o povo uvia bem direitim.

Quarta Parte

Vídeo MOV01657 (00:00:19)

G.: Eu (+) eu fui inclusive foi uma pessoa qui ajudei ca procurar a menina (+) cacemo pu dento dos açude (+) pu beijo da água, nas barragem pu todo canto e: sempre eu dizeno qui a menina ta em riba da serra (+) mais o pessoal não acreditava((o entrevistado balançava na cadeira de balança para frente e para trás em quanto relatava a história)) .

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES - GLICPOP

Registro Etnográfico - Pesquisa de campo realizada no Sítio Assobio, município de Riacho dos Cavalos - PB

Dados gerais do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Juraci Barbosa de Sousa

Idade: 61 anos

Data da entrevista: 31/03/2014 (primeira, segunda, terceira e quarta partes)

Legenda: I =Juraci, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01734 (00:00:55)

I.: arrancar o ela levar o e butar o lá mais a depois/ DEXARO ainda a cruz aí só qui ninguém sabe mais puceto não tem mais né mais era/ foi muito complicado quando achar o ela aí avemaria eu fiquei agoniada mermo (+) mais ela enterrou-se bonita as mãozinha toda queimada AVEMARIA DEUS MIM LIVRE (+) complicado demais foi: (+) mais lá Sergio você se informa bem ele achou do jeito onde ela caiu ele achou toda certeza (+) aí eu fui pu enterro mais aí na casa da mãe dela eu não fui não vi a vó dela bem aperriada bixinha a irmã dela avemaria agoniado demais (+) complicado as coisa uma menina daquele tamanhe (+ +) aí vocês quere fazer assim.

Segunda Parte

Vídeo MOV01735 (00:00:35)

I.: mais o qui eu sei é só isso aí: qui ela acompanhou a mãe dela aí quando a mãe dela chego sentiu falta foi atrás num achou mais (+) eles morava acular ((a entrevistada aponta a direção da casa da família da menina da serra)) lá: EMBAIXÃO embaixão mermo (+) aí andaro andaro agora esse povo sofrero caçano essa menina a mata bem grande né

P.: é:

I.: nas serra cumo era qui achava fassi (+) agora lá em Sergio você se imforma boa minha fia pode perguntar lá na frente tem umas casa pode perguntar qui eles (+) ensina a casa dele a casa qui foi de Zé Luciano essas menina vão pra lá agora

Terceira Parte

Vídeo MOV01736 (00:00:15)

I.: muito mermo muita veze eu tive fé nela JESUS (+) Maria (+++) na istrada de Riacho (+) vai direto.

Quarta Parte

Vídeo MOV01737 (00:00:06)

P.: A: senhora nos dá a permissão de usar este vídeo na nossa pesquisa

I.: Hunrum (+) podi usar.

APÊNDICE I - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico-Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Raimundo de Sousa (O Baxim)

Idade:49 anos

Data da entrevista: 04/04/2014 (primeira e segunda partes)

Legenda: J=Raimundo, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01743 (00:04:49)

J.: Eu sei é qui (+) eu fui na casa dela (+) a pouco tempo qui ela tinha: tinha falecido passei na casa dela casa dela era casinha de taipa bem piquinininha perto da serra né mai ou memo assim três quilometro (+) até a serra né casinha/ nos chegemo lá o qui tinha LÁ Deus mim perdoi se for pecado nem geradera não tinha naquela época água qui tinha pa beber água de bote aí foi a mãe dela mermo falo “se vocês quiser tumar água aqui tem água aqui mais eu num vou negar por que a água aqui é água de bote aqui é casa de pobi” aí nos fumo lá chegemo lá voltemo mai mai primo meu levemo uma feinha: fein/ feinha pouca né quilo de açúcar quilo de arroz quilo de feijão pacote de macarrão aquela feinha piquena chegeme lá entregueme feira pa ela pra mãe dela né ela foi e abraçou a gente chorô aí “nunca pensou um pessoal tão lindo tão bacana igual a gente saber que a gente tava precisano tava necessitano daquelas coisa” e ela/ NAQUELA época Deus mim perdoi se for pecado mai foi/ começaro a vida por aquilo aí princi/ levava levava fêra levava dinheiro eles não tinha NADA NADA em casa só água no boti (+) e: graças a meu bom Deus eles conseguio a vida deles e hoje tão bem de vida o pai dela já faleceu sabe Expedito Soares faleceu a: a mãe dela ela ta viva ela é neta de Maria Gabo ((não foi possível transcrever essa parte)) “nunca pensei ser tão feliz na minha vida ta tão feliz quanto to hoje mai não to feliz por que perdi minha filha” aí eu foi e disse a ela dona Rita a senhora se conforme qui foi Deus qui deu don a ela qui foi Deus qui levou ela pa li ele levou ela pu canto dela cantava na canção dizia assim “Deus aumentô a conta dos muito anjo qui tem” né?

P.: É

J.: E aumentô mermo pu que ela sofreu muito aquela menina sofreu muito aonde nós/ onde eu vi a menina onde ela caiu ela pa/ pessoa pa chegar ali né qualquer pessoa qui chega ali não pu na época qui eu fui tinha feito uma/ uma valinha pu pessoal subi até pu pessoal chegar lá rapaz novo dezoito ano até pa nós chegar lá foi ta dicifi como é qui uma menina daquela conseguiu chegar ali (+) eu acredito qui uma menina daquela sofreu muto (+) eu acredito qui sofreu muto caí no lugar qui ela caiu lugar onde ela caiu onde ela foi achada tenha coisa quem achou ela foi ate Sergio Florentino (+) aí procuraro passaru três dia cum três noite ((não foi possível transcrever essa parte)) tem até um verso qui diz “ três dia três noite procurano sem parar de oitenta a cem pessoa podia calcular né”

P.: É

J.: Quando foi na: na manh/ ela se perdeu no dia vinte sete de novembo e foi encontrado no dia trinta de novembo dia trinta de novembo todos já sem esperança na/ na manhã do dia trinta todo já sem esperança (+) quando acharo morta acharo morta a criança acharo ela agora o pessoal diz: num sei não qui Deus mim perdoi se for pecado qui ela foi enterrado na na/ no cemitério Assobi quando foi pa tirar do do da cova pa levar por pa CAPELA diz qui ela tava perfeitzinha do jeito qui foi enterrada tava bem perfeitzinha diz o pessoal né ninguém sabi diz o pessoal qui ela viro santa (+) o pessoal diz isso agora do jeito qui foi enterrada tava bem perfeitzinha a terra num comeu nada

Segunda Parte

Vídeo MOV01745 (00:00:05)

P.: O senhor nos dar a permissão de utilizar este vídeo na nossa pesquisa

J.: Sim

APÊNDICE J - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

**Registro Etnográfico -Pesquisa de campo realizada no Sítio Volta município de cidade
de Riacho dos Cavalos- PB**

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Raimunda Ana de Sousa

Idade: 75 anos

Data da entrevista: 31/03/2014 (primeira, segunda e terceira partes)

Legenda: K = Raimunda Ana, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01728 (00:02:47)

K.: A: quando chegou aqui nós sabemos que ela tá/ as quatro horas da TARDE a: mui/ mãe dela saiu de casa a procura de: umas costura que tinha mandado fazer e ela queria ir aí ela disse “não você fique que eu vou num tem precisão” aí: a muié saiu a procura dessas costuras e cá ela foi e depois que ela saiu fazia muito tempo aí a menina vá sai só (+) aí quando a menina/ quando a muié chegou em casa que PROCURÔ disse “NÃO ela saiu e disse que ia atrás da senhora” aí: foi intrano a noite e haja esse povo PROCURAR e procurar quando foi nos TRÊS DIA foi que ela foi encontrada na serra em cima de uma pedra morta (+) e quem encontrou ela morta foi um tá de Serju que achou ela morta aí forô e: e fizeram o interro dela lá mermo aí o povo ficou fazendo visita e butaro a cruz aí o povo ficou fazendo muita visita aí depois FIZERO (+) um teiado pelo povo quando fosse lá: pagar promessa ter a sombra a: depois construíram a capela que hoje em dia tem a capela (+) eu ainda fui lá agora mermo depois que minha idade ficou muito avançada eu não subi mais a serra não ainda eu subi lá a serra parece que umas DEZ VEZ eu fui lá fazer visita na capela na cruz logo assim que ela foi encontrada eu fui eu fui fazer visita lá AÍ: truçero o/ o corpo mortal dela enterraram no Assobio mais aí depois que fizeram a capela aí vinheram e tiraram o resto levaram fizeram sepulcro na igreja (+) sepulcro dela lá na igreja da serra agora já faz um pouco de ano que eu não vou lá que depois que eu interei setenta tem medo de ir e não consegui subir a serra que a subida é meia né naneirinha não ((a entrevistada rir)) a pois é mais ela tem sido uma pessoa muito/ graças

a Deus ela tem sido MILAGROSA a menina da serra quem fez promessa cum ela graças a Deus foi ouvida qui ela é uma pessoa qui morreu (+) cum (+) quarto/ ela tinha ((a entrevistada pensa um pouco antes de iniciar novamente seu turno de fala)) cinco ano de idade ERA QUARTO ela tinha uns quarto ano tava dento dos cinco.

Segunda Parte

Vídeo MOV01729 (00:01:01)

K.: fez milagre na nossa região e REGIÃO FORA qui já vei gente qui a distante paga a promessa na igreja da menina da serra já tem vino muita gente de fora qui não é de nosso setor aqui pagar promessa a menina da serra por que ela tem sido MILAGROSA (+) lá tem sido feito muta/ tem vindo muta romaria de FORA pagano promessa (+) é tem vindo gente de fora né só aqui não eu já foi mutto na/ na serra graças a Deus e: o povo meu tudo vão são religi/ nós sumo religioso GRAÇAS A DEUS à menina da serra e nós tem MUITA FÉ na menina da serra igualmente até um SANTO tem pela menina da serra (+) a pois é.

Terceira Parte

Vídeo MOV01730 (00:00:06)

P.: A: senhora nos dar a permissão de usar este vídeo na nossa pesquisa?

K.: Dou sim

APÊNDICE K - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Manuel Pinheiro de Freitas (Seu Ribeiro)

Idade: 62 anos

Data da entrevista: 04/04/2014 (primeira, segunda e terceira partes)

Legenda: L= Manuel, P = Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo MOV01738 (00:00:59)

L.: Mil novecentos e setenta seis: (+) aí ela três dia (+) aí fizeram um capelinha: (+) e: todo mundo tem ela como um santa (+) eu mesmo já vou já vou lá vinte duas vezes (+) todo mundo qui vai lá fica com fé ver como foi situação (++) ali era pra ter alguma pessoa ter se interessado até uma iscada melhor pra subir melhor né mas o povo ainda faz ela é muito milagrosa quem faz promessa com ela é valido (+) eu fiz uma promessa e fui valido tudo mundo vai todo ano vou ((não foi possível transcrever essa parte))

Segunda Parte

Vídeo MOV01740 (00:00:51)

L.: o/jumento qui tinha butado carga da água voltou o jumento pra comer na manga aí ela vai acompanhando o jumento (+) e perdeu aí ((não foi possível transcrever essa parte)) de oitenta e cem pessoas procuraram três dias acharam ela nos três dias aí já tava morta morrido a pouco tempo (+) aí fizeram capelinha aí todo mundo viu qui era como milagre ((neste momento um homem dialoga com Seu Ribeiro)) é pois é (++) ela mesmo pode fazer promessa qui é valido tem tiver fé quem não tiver também não adianta né?

Terceira Parte
Vídeo MOV01742 (00:00:06)

P.: O senhô: nos deixa utilizar esse vídeo na nossa pesquisa

L.: podi usar

APÊNDICE L - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico -Pesquisa de campo realizada no Sítio Volta município de cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dado geral do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Expedito Vieira de Sousa

Idade: 77 anos

Data da entrevista: 31/03/2014 (primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta partes)

Legenda: M = Expedito, P = Pesquisador, S = senhor que dialogou durante a filmagem.

Primeira Parte

Vídeo MOV01718 (00:01:44)

M: Ela saio num sabo né de tardizinha acumpano uns ANIMAIS aí: seguiu em busca da serra né aí: quando sentiro fata ainda vinhero de noite ((o entrevistado gesticula com as mãos)) andaro munto e nada encontaro no domingo/ ((neste exato momento um objeto cai e assusta o entrevistado que para e logo depois inicia outro turno de fala)) no (+) no domingo/ no domingo fôru de novo AI na segunda fêra eu ia/ FUI de tarde (+) fui de tarde aí Zé Rozeno subio a serra ((o entrevistado aponta em direção ao topo da serra)) daqui é bem pertim (+) do nosso ficô (+) nu/ nós encontemos como um rastim uma/ quando voltamo tinha notado aí tinha unas pessoa aí nós contemo aí ficaro duvidando e depois ESPIAR (+) passamo num canto tinha arrancado casca dum matu ela/ pisou escorregou fina na terra ae pronto foi: quando vinhemo/ aí quando foi na terça feira fui de novo ((o entrevistado pergunta esperando a afirmação de sua esposa)) era uma terça feira foi ? TERÇA FEIRA ai cum mais ai quando chegemo ao ponto pa ir não fui pu lado do serrote diz aí que aí outo acharo(+) caçarro andaro andaro andaro aí; fôro olharo uns pau /cabo de inchada aí subiro viro ela (+) é aí/ eu só contar até/ onde chegou com ela na casa aí tiraro pa casa do pai dela (+) é isso que tenho pa contar.

Segunda Parte

Vídeo MOV01719 (00:00:14)

M: Era munta gente (+) depois raspim que nós (+) fizemo foi que o povo sobiu vêi vem pa lá nós dissemo aí foi.

Terceira Parte

Vídeo MOV01721 (00:00:29)

P: Fazendo o caminho pa construção da capelinha?

M: pa chega lá

P: pa chega lá ?

M: né subi material e punhadim de tijolo nas mão e fôro levano levano encostaro todo tijolo lá todo material

P: E: vocês levavam como esses materiais?

M: han? Cum as mão é subia carro nada lá não/ SIM

Quarta Parte

Vídeo MOV01725 (00:00:05)

P: o sinhô nos dar a permissão para usar esse vídeo na nossa pesquisa?

M: sim

Quinta Parte

Vídeo MOV01726 (00:02:56)

S: TINHA tinha Expedito?

M: TINHA

S: ô rapaz

M: tinha mas só na segunda-fêra (++) SÓ NA SEGUNDA-FÊRA ela vinha(+) arrasada ((gesticulando com as mãos em gestos circulares)) e caiu no ponto e morreu pronto no canto qui caiu morreu (+)

S: foi mermô

M: foi (+) aparti da segunda/ segunda-fêra de manhã lá no serrote de Zé Zé/ lá no serrote dela não viro

S: MAIS aí: mim diga uma coisa? mais aonde ela caiu/ encima das peda tinha arvore

M: hen?

S: tinha alguma arvore assim encima das peda?

M: num tinha

S: era pelado nera

M: tinha somba de nada

S: tinha não né

M: tinha não (++)

S: É morreu de fome

M: ela desceu/ subiu cabeça a baxo bolano(+) ficou num aceirim das peda pa descer

S: ou das pedona

P: ela fico encima daquela peda grande

M: não

S: ela morreu no pé da peda embaxo

M: é

S: EU NEM FUI RAPAZ (+) naquele tempo eu: morava lá: pulado da Catinga sabe e: é só comentaro do povo “e: a menina de Expedito Soares: ta perdida dês de ontem tão procurano gente de um canto de outo da Lagoa da Cantiga era muta gente” naquele tempo eu era individuo véi novo eu tinha nem: ((não foi possível entender está passagem do dialogo)) aí a gente também/ eu era um sujeito novo aí: via só o povo passano: ei:: batalhão assim de/ é procurar menina expedito dez quinze pessoa GRUPO ia a procura dessa menina

M: agora Luiz ali foi uma cosa era pa/ pa contecer por que um mundo de gente qui subiu aquela serra andou pu todo canto sabo de noite tudo corregeno e num acharo UMA MENINA CUM QUARTO ANO num chorar né qui ela chorasse o povo uvia NÉ

S: acho qui também expedito depois de ((não foi possível entender está passagem do dialogo)) depois do segundo dia em diante ficou muto debilitada né pa chora né muto raquim se chorasse era muto baxim

M: mais nu (+) nu sabo pu domingo no domingo ela tinha condições de chorar tinha da segunda pa lá

M: ela ta muto abatida

S: já foi encontrada lá pa terça-fêra foi? Na manhã/ no dia trinta foi na terça-fêra.

Sexta Parte

Vídeo MOV01727 (00:00:31)

M: fui na segunda-fêra vi um raspim ai onde arrancar a casca de um mato tavão escorrego do calcanhazim dela aí fumo aí na segun/ terça eu percurei tinha convenhamo tem um grotão fundo fui procura aí fui pu serrote de manhã na terça-fêra

S: VOCE FOI NA SEGUNDA E NA TERÇA DUAS VEZ NÉ

M: foi

S: na segunda e na terça

M: na terça

S: muito bem

APÊNDICE M - TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Registro Etnográfico- Pesquisa de campo realizada na cidade de Riacho dos Cavalos- PB

Dados gerais do entrevistado (a)

Nome do entrevistado (a): Luiz Pedro da Silva

Idade: 58 anos

Data da entrevista: 26/08/2012

Duração: 00:04:43

Hora que ocorreu a gravação: 10:48- início, 10:52- término

Legenda: H= Luiz Pedro P= Pesquisador

Primeira Parte

Vídeo: AVI Video File (.AVI) (00:01:44)

H.: Criança morta

Dos poemas que escrevi,
Por meio da inspiração,
Este e o mais comovente,
Porque tem a narração
De um dos casos mais tristes
Que já vi no sertão.

Trata-se de uma menina
De uma beleza extrema.
De quatro anos de idade
Com quem se deu o problema.
Tornou-se a central figura
Das emoções do poema.

Edinete era seu nome,
Que lembramos com pesares,
Filha de Rita Alzira
Expedito soares
Casal pobre mais bem quisto
Como todos familiares,

No município riacho
Dos cavalos, terra amena
No sertão paraibano
Aonde os pais da pequena
Moravam, e ainda hoje
Lamentam a triste cena.

Vinte e sete de novembro
Do ano setenta e seis,
Pelas três horas da tarde
Um pouco antes talvez,
Os pais de Edinete a viram
Viva pela ultima vez

Pôs a criança brincando
No pátio da moradia,
Se entretendo com as arvores
Ou animais que via;
E os poucos entrou no mato
Sem saber aonde ia

Quando a mãe sentiu falta
Da sua filha querida
Chamou-a diversas vezes,
Já bastante comovida;
Ai notou a criança
Já se achava perdida.

Alarmou a vizinhança,
E começou a chegar gente
Pra procurar a criança
Todos apressadamente.
Anoiteceu e ninguém
Encontrou a inocente.

E assim passaram três dias
Procurando sem parar
De oitenta a cem pessoas
Podia se calcular,
Todos a sua procura,
Mas ninguém pode encontrar.

Na manha do dia trinta
Já todos sem esperança
No lugar serra dos bois
Num talhado que avança
Neste local esquisito
Acharam morta a criança.

Morreu de fome e de sede,
Em situação singela,
Mais ou menos seis quilômetros
Do local pra casa dela.
As folhas foram o seu leito
E a lua serviu de vela.

Quando espalhou-se a noticia
Que a menina faleceu,
Foi muita gente ao local
Aonde a morte a venceu.
Vão fazer uma igrejinha
No canto onde ela morreu.

Todos seus irmãos lamentam,
Os pais lamentam também.
Chorou toda a vizinhança
Porque lhe queriam bem,
E deus aumentou a conta
Dos muitos anjos que tem

APÊNDICE N - DIÁRIO DE CAMPO

GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES – GLICPOP

Diário de Campo Pesquisa Etnográfica realizada na cidade de Riacho dos Cavalos – PB

Todas as entrevistas foram autorizadas pelos seus informantes registradas em vídeo e transcritas seguindo as normas de transcrições estabelecidas na tese do Prof. Dr. João Irineu de França Neto, a pesquisa é voltada para o estudo linguístico-antropológico das narrativas orais da religiosidade popular.

Nome do informante: Luiz Pedro da Silva

Idade: 65 anos

Escolaridade: 5º ano do ensino fundamental

Data: 26/08/2012

A entrevista foi realizada na moradia do entrevistado, o vídeo foi gravado na garagem da casa, por ser um local mais reservado e com pouco barulho. Seu relato foi em forma de cantoria, pois o mesmo é repentista popular. A entrevista foi bastante prazerosa, pois a canção descrevia em formas de rimas a história da menina Edinete, popularmente conhecida por *A menina da Serra*.

Nome do informante: Benedita Maria Soares

Idade: 64 anos

Escolaridade: Alfabetizada

Data: 27/08/2012

A senhora Benedita Maria soares mais conhecida por dona Benedita, uma senhora carismática muito conhecida na cidade por ser muito religiosa, a entrevista se deu após um dialogo, onde a entrevistada contou um pouco sobre a história e sobre sua fé na menina da serra a qual se referiu com uma santa, todo esse dialogo aconteceu antes da gravação do vídeo.

Nome do informante: Cosma Pereira da silva

Idade: 58 anos

Escolaridade: Alfabetizada

Data: 27/08/2012

A entrevista ocorreu na área da casa da entrevistada, já era noite e ela relatou a história contando que ouviu um aviso no rádio onde o pai de Edinete pedia tijolos para a construção da capelinha, assim como dona Benedita a senhora Cosma tem uma grande devoção pela Menina da Serra, sendo que a informante até pagou promessa à menina da serra.

Nomes dos informantes:

Luiza de Sousa

Idade: 32 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Maria de Sousa

Idade: 30 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

José Anastácio

Idade: 38 anos

Escolaridade: 4º ano do ensino fundamental

José Tavares Sobrinho

Idade: 64 anos

Escolaridade: Analfabeto

Rita Maria de Sousa

Idade: 60 anos

Escolaridade: Analfabeta

Data: 17/11/2013

A entrevista foi realizada na casa de Rita Maria de Sousa, a entrevista se deu em uma roda de conversa na sala da casa onde foram entrevistados seus três filhos, Luzia, Maria e

José e um amigo que ali chegou o senhor José Tavares Sobrinho o mesmo tinha participado da procura por Edinete. Foi produzido um vídeo para cada entrevistado.

Nome do informante: Manuel Pinheiro de Freitas (Seu Ribeiro)

Idade: 62 anos

Escolaridade: Alfabetizado

Data: 04/04/2014

Manuel Pinheiro de Freitas é conhecido popularmente por Seu Ribeiro o informante é proprietário de um bar onde também funciona um mercadinho, Seu Ribeiro é conhecido na cidade por ter uma grande devoção à menina da serra sendo que já visitou a capelinha mais de vinte vezes para pagamento de promessas e romarias. Seu Ribeiro tem em seu estabelecimento comercial uma foto da menina da serra emoldurada e pendurada na parede o mesmo disponibilizou uma copia da foto para a pesquisa. A entrevista foi gravada em seu comercio a tarde Seu Ribeiro relata o que sabe sobre a menina da serra falando sobre sua fé e devoção.

Nome do informante: Raimundo de Souza (O Baxim)

Idade: 49 anos

Escolaridade: Alfabetizado

Data: 04/04/2014

Raimundo de Souza mais conhecido como o Baxim contou como ajudou a família da menina da serra logo após a morte da menina pois a família passava por necessidade, nos informou sobre um acontecimento que ainda não tinha sido comentado pelos outros informantes que ao retirarem os restos mortais da menina para ser enterrado na serra seu corpo estava em perfeita condição, assim como os outros informantes Raimundo também tem fé e devoção e já pagou promessas a menina da serra considerando a menina uma santa. A gravação ocorreu após um dialogo com o informante que concordou em dar seu relato.

Nome do informante: Expedito Vieira de Sousa

Idade: 77 anos

Escolaridade: Alfabetizado

Data: 31/03/2014

Sítio Volta Município de Riacho dos Cavalos- PB

A entrevista ocorreu na moradia do senhor Expedito o entrevistado contou que participou das buscas para encontrar a menina da serra. O senhor Expedito relatou sua experiência contando como tudo ocorreu. O senhor Expedito nos indicou como informante uma senhora chamada dona Totinha, logo após o término da entrevista nos dirigimos à casa da senhora Totinha que morava ali perto.

Nome do informante: Raimunda Ana de Sousa (Dona Totinha)

Idade: 75 anos

Escolaridade: Alfabetizado

Data: 31/03/2014

Sítio Volta Município de Riacho dos Cavalos- PB

Dona Totinha nos recebeu muito bem em sua residência contando seu relato, o que chamou atenção na voz da entrevistada era a ênfase que Dona Totinha dava toda vez que fazia referência a menina da serra com uma imagem milagrosa a qual tem muita fé e devoção. Dona Totinha nos falou que a capela é bastante visitada por fiéis de outras cidades que sobem a serra para pagar promessas.

Nome do informante: Juraci Barbosa de Sousa

Idade: 61 anos

Escolaridade: Analfabeta

Data: 31/03/2014

Sítio Assobio Município de Riacho dos Cavalos- PB

Ao chegarmos ao sítio assobio onde foi enterrado o corpo da menina da serra antes de ser retirado e levado a serra fizemos o registro do cemitério onde ela foi enterrada infelizmente não tivemos como entrar no cemitério pois o mesmo estava fechado, após conversarmos com alguns moradores da comunidade eles nos indicaram a casa de dona Juraci. Fomos muito bem recebidos na casa de dona Juraci um pouco tímida após nos contar o que sabia sobre a menina da serra aceitou gravar o vídeo contado seu relato. Dona Juraci nos indicou a casa do senhor Sergio que encontrou a menina da serra morta, ao chegarmos à casa de Sergio o mesmo não se encontrava em sua moradia.

APÊNDICE O – FOTOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DA “MENINA DA SERRA”



Cemitério São Sebastião no sítio assobia município de Riacho dos Cavalos-PB, onde a menina da serra foi enterrada e logo depois seus restos mortais foram levados de volta a Serra dos Bois



Capela da Menina da Serra



Capela da Menina da Serra



Capela da Menina da Serra



Imagens do cruzeiro



Cruz localizada à frente da capela



Casa dos milagres



Serra dos Bois



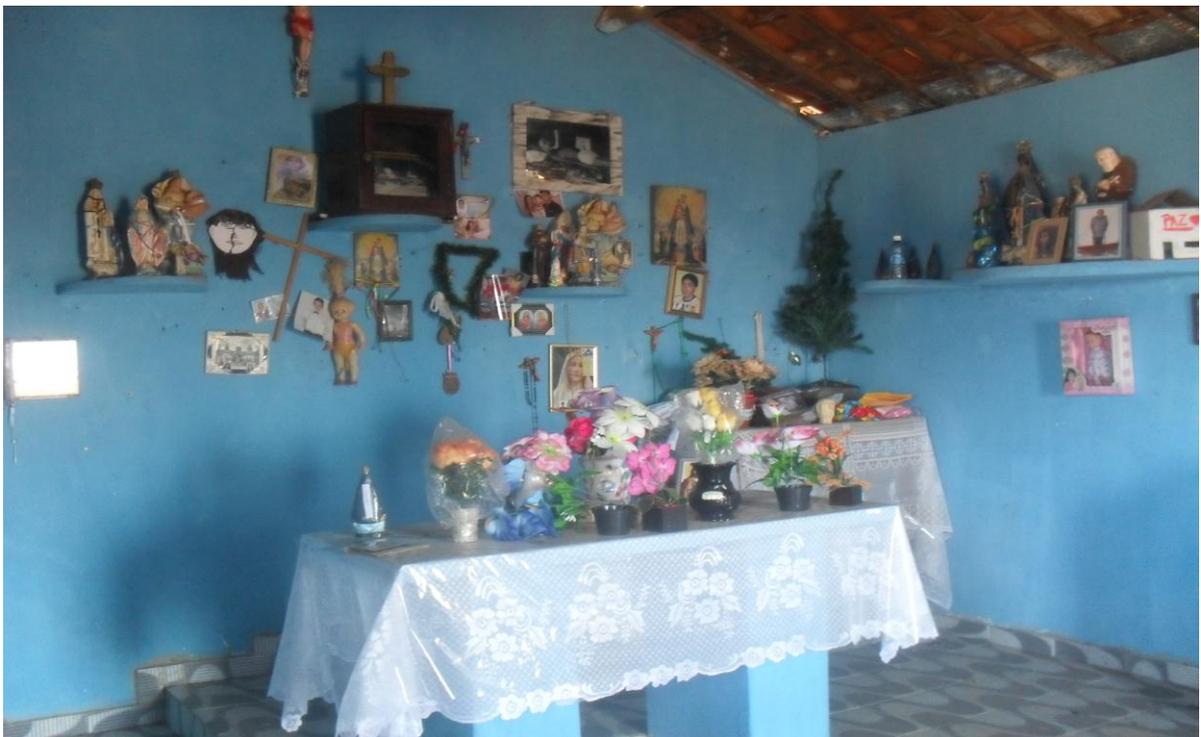
Graças alcançadas



Graças alcançadas



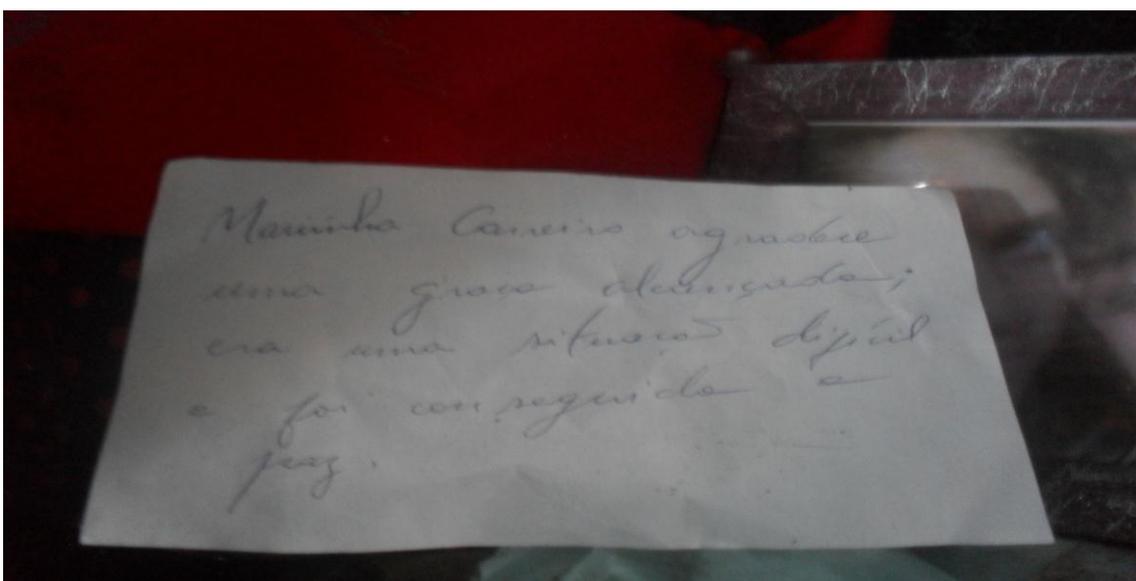
Santos no interior da capela



Altar da capela da Menina da Serra



Imagem da menina Edinete



Mensagem deixada por um devoto em agradecimento a Edinete por uma graça alcançada

ANEXO A - NORMAS DAS TRANSCRIÇÕES

Normas de Transcrição

Fenômenos Orais	Sinais Gráficos
Pausa Curta	(+)
Pausa Média	(++)
Pausa Longa	(+++)
Aumento de volume ou ênfase na voz	Letras maiúsculas
Truncamentos ou interrupções	/
Comentários do Pesquisador	(())
Enunciação do Discurso de outrem ; Fórmulas das rezas	“ ”
Alongamento de fonemas	:
Duas pessoas falando simultaneamente uma palavra ou intagmas	Sublinha os trechos das falas
Elisão de palavras ou crases	Usa-se o apóstrofo

Pausa curta = se realiza de zero a dois segundos de duração;

Pausa média = de três a quatro segundos de duração;

Pausa longa = acima de quatro segundos de duração.

ANEXO B - FOTOGRAFIA DA MENINA EDINETE SENDO VELADO EM SUA RESIDÊNCIA



